

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA INSTITUCIONAL

LARA ROCHA ANDRADE

**OFICINAS E OS DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS DE
TORNAR VERBO OS FAZERES GRUPAIS EM
PSICOLOGIA**

Vitória

2018

LARA ROCHA ANDRADE

**OFICINAS E OS DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS DE TORNAR
VERBO OS FAZERES GRUPAIS EM PSICOLOGIA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Institucional, da Universidade Federal do Espírito Santo como requisito parcial para aquisição do título de mestre em Psicologia Institucional.

Orientadora: Professora Dra. Ana Paula Figueiredo Louzada.

Vitória

2018

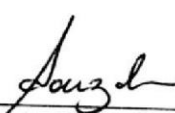
LARA ROCHA ANDRADE

**OFICINAS EM GRUPO E OS DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS
DE TORNAR VERBO OS FAZERES EM PSICOLOGIA**


Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Institucional da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia Institucional.

Aprovada em 20 de agosto de 2018.


Comissão Examinadora



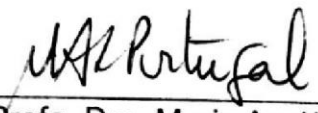
Profa. Dra. Ana Paula Figueiredo Louzada
Universidade Federal do Espírito Santo



Profa. Dra. Janaína Mariano César
Universidade Universidade Federal do Espírito Santo



Profa. Dra. Raphaella Fagundes Darós
Faculdades Integradas Maria Thereza



Profa. Dra. Maria Amélia Lobato Portugal
Universidade Federal do Espírito Santo

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)

Andrade, Lara Rocha, 1988-

A553o Oficinas e os desafios contemporâneos de tornar verbo os fazeres grupais
em psicologia / Lara Rocha Andrade. – 2018.
101 f. : il.

Orientador: Ana Paula Figueiredo Louzada.

Dissertação (Mestrado em Psicologia Institucional) – Universidade
Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais.

1. Psicologia clínica de grupo. 2. Psicoterapia de grupo. I. Louzada, Ana
Paula Figueiredo, 1975-. II. Universidade Federal do Espírito Santo. Centro
de Ciências Humanas e Naturais. III. Título.

CDU: 159.9

Elaborado por Perla Rodrigues Lôbo – CRB-6 ES-527/O

“Companheiras, me ajudem
Que eu não posso andar só
Eu sozinha ando bem
Mas com vocês ando melhor”
(Ciranda feminista).

AGRADECIMENTOS

Peço licença para falar do nosso formigueiro em que o trabalho não cessa.

Ao castelo a que pertenço, minha família Rocha.

Aos amigos. LG. Às PPGPepecaS.

À Ana, sua linda. Este texto somos nós, LarAna. Vou adicionar este novo “sobrenome” no Lattes.

Aos parceiros de trabalho, de empresa.

Às mãos da Isa, da Lígia, da Maria Amélia. Das mãos que estão em palavras aqui escritas. Dos olhos que tocaram nos papéis para energizar com suas leituras. Dos corpos que tocaram em mim no dia a dia. Dos colegas de oficinas que compõem minha inspiração. Aos seios que respiraram entre alívios e angústias. Às bundas esmagadas. Aos ombros. Ao meu cu, ao cu da Ana, e a todos os cus esquecidos, ignorados, adjetivados. Uma escrita tão coletiva quanto o tema dela.

Aos que me provocaram corporificações.

Às mulheres, todas elas se fazem presentes.

Uma escrita que por muito resistiu de ser transformada em palavras, perdida em meio ao turbilhão de acontecimentos no mundo, que puxam meu olhar e esgarçam meus sentimentos, muitas vezes atônitos demais para conseguir fluir aqui, nessas páginas.

Agradeço ao meu corpo. Aos Ventos, Luas, Sóis. À Vida, que me chacoalha a cada surpresa; que só é surpresa porque sempre espero Dela as certezas que a fazem não ser Vida. Aprendi a gostar das surpresas.

Ao Universo. Aos mistérios.

RESUMO

A presente dissertação se propõe a pensar a intervenção com grupos na atualidade. Os grupos são considerados, a partir da intervenção denominada Oficina, como espaços possíveis de produção de pensamento e modos de se relacionar com territórios existenciais. Esta pesquisa se detém naquilo que há de inusitado e imprevisível na dimensão clínica do oficiar, em seus desdobramentos processuais desde a sua preparação aos seus efeitos. Para tal, interroga-se do cenário brasileiro contemporâneo os desafios que essa atividade promove, no sentido de produzir um plano comum que ponha em análise as figuras subjetivas da crise tão experimentada e propagada como um slogan de efeitos concretos na produção de subjetividade e nos modos de existência atuais. Para consolidar o fazer do oficiar, este texto detém-se nas contribuições teóricas que tratam do grupo, principalmente enquanto um campo investigativo e interventivo para a Psicologia. Por fim, toma o percurso de conceituar o oficiar em sua dimensão clínica e inventiva. O texto é atravessado por pequenas crônicas produzidas em oficinas.

Palavras-chave: Grupos, Oficina, Psicologia, Contemporâneo.

ABSTRACT

The presente dissertation is proposed to think about the intervention with groups nowadays. The groups are considered, by taking the intervention named workshops, as possible spaces of production of thought and the ways of relating to existential territories. This research is focused on what is unusual and unpredictable in the clinical dimension to make manufactory, in its developments from its preparation to its effects. For this, it is questioned of the contemporary Brazilian scenario and the challenges they raise in our days, in order to produce a common plan which analyses the subjective figures of the crisis so experienced and propagated as a slogan of concrete effects on production of subjectivity and in the current modes of existence. In order to consolidate this doing (this practice), to make workshops, this text focuses on the theoretical contributions that treat the group, mainly as an investigative field and interventive for psychology. Finally, it takes the course of conceptualizing the make workshops in its clinical dimension and inventive. The text is crossed by small chronicles, that were produced in workshops.

Keywords: groups, workshops, psychology, nowadays.

SUMÁRIO

AOS SOLAVANCOS	13
1. DOS DITOS E FEITOS COLETIVOS.....	18
2. UM PEQUENO ENSAIO SOBRE O CONTEXTO BRASILEIRO E AS CONFIGURAÇÕES SUBJETIVAS DA CRISE	23
3. BREVE HISTÓRIA DO ESTUDO DOS GRUPOS	43
3.1 INICIEMOS OS <i>CAUSOS</i> . CONTAM QUE.....	47
4. OFICINAR COMO VERBO	68
5. EM ABERTO	92
CATAPULTA	93
REFERÊNCIAS.....	94

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Foto - Multidão em manifestação pró-impeachment	26
Figura 2: Foto - Multidão em protesto no sindicato dos Metalúrgicos	26
Figura 3: Foto - Exposição Tempo de Respirar (Maria Nepomuceno)	28
Figura 4: Foto – Espetáculo Gira, do Grupo Corpo	29

Tudo no mundo começou com um sim. Uma molécula disse sim a outra molécula e nasceu a vida. Mas antes da pré-história havia a pré-história da pré-história e havia o nunca e havia o sim. Sempre houve. Não sei o que, mas sei que o universo jamais começou. Que ninguém se engane, só consigo a simplicidade através de muito trabalho. Enquanto eu tiver perguntas e não houver resposta continuarei a escrever. Como começar pelo início, se as coisas acontecem antes de acontecer? Se antes da pré-pré-história já havia os monstros apocalípticos? Se esta história não existe, passará a existir. Pensar é um ato. Sentir é um fato. Os dois juntos – sou eu que escrevo o que estou escrevendo.

(Clarice Lispector, *A hora da Estrela*).

Aos solavancos

AOS SOLAVANCOS

De algum lugar entre Vitória do Espírito Santo e Vitória da Conquista,
nos idos de 2016 a 2018.

Dizem por aí que a história (tempo histórico) vira História pelo marco da escrita. É pela emergência da escrita, pelo registro concatenado de letras - signos - que portam um sentido coletivo, que inventamos a separação entre aquilo que seria a pré-história da humanidade da História com letra maiúscula. Tornamo-nos humanos com história pela via escrita? Que sentidos propagam esta pergunta?

A escrita demarca o momento em que os humanos, na produção de símbolos, fazem perpetuar ideias e transmitem a imaterialidade como legado. Ao escrever, os humanos deixam partes de si para si mesmos, para os outros com os quais compartilham seu cotidiano, para os que estão próximos ou distantes, e, ainda, desdobram fragmentos de si para outras gerações. E, se deixam registros, fazem-no por atribuírem importância existencial àquilo que se pretende perpetuar.

São muitos os rastros neste longo processo histórico de nos tornarmos uma humanidade que deixa marcas de compartilhamentos de saberes, fazeres e modos de exercitar a existência. Há um ordinário na escrita. Registros dos nascimentos, mortes, insumos domésticos e tradições orais que adquiriram legitimidade quando ganharam os pergaminhos.

Entre a escrita como meio de deixar pistas e a figura do escritor há relações nem sempre apaziguadoras. Entre diários e escriturários, muitos foram os atalhos. Houve (e há) jogos de forças, composições e apagamentos entre aqueles que escreveram as histórias que puderam ser contadas.

E cá estou, em 2018, em meio a jogos de forças do que registrar, do que compartilhar, de que marcas deixar e, principalmente, de como deixá-las. O modo como este texto é redigido aponta para um lugar a partir do qual escrevo: como pesquisadora.

Escrever como pesquisadora. Como se faz isto? Inquieto-me. Trata-se de um lugar inventado pelo humano e legitimado por fazeres e saberes de um certo jeito de narrar.

Inventamos o pesquisador como aquele que pode escrever e perpetuar certos modos de narrar a história.

Mas como elas são narradas?

—Uau! Que diferente! As folhas da árvore são... A cor...

—Verdes?

—É verde que chama?

—Você não conhece o verde? Como assim não conhece? Elas não tinham essa cor?

—Eram parecidas com a cor do tronco.

—Marrom?

—É, marrom.

—E por que você nunca me disse?

—Eu sempre vi assim. Como eu poderia saber que existia outra cor?¹

Gosto de trabalhar com imagens e recortes. Penso por meio desses. Tenho gosto pelos estranhamentos, pelo descontínuo. Imagens auxiliam-me. Vez ou outra (ou quase sempre) elas me saltam. Quando vejo marrons, será que há outras cores e nuances? Escrever deste modo (estranho, descontínuo), com perguntas, me faz saltar cenas. E se começo de modo formal, com a história da escrita, aviso logo: esta tessitura é feita aos solavancos, permeada por imagens e tentativas de composições analíticas.

Suportas o solavanco? Lá vem um...

¹ Ao longo do texto apresento pequenas crônicas que expõem situações e análises. Elas foram criadas por mim a partir dos trabalhos com oficinas que realizamos em 2017 e 2018 em diferentes âmbitos: graduação de Psicologia na Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), salas de aula do Instituto Federal do Espírito Santo (Ifes) e cursinho pré-vestibular na Bahia. São escritas que compuseram as muitas lacunas apresentadas no estudo. Sempre que se tratar deste material será apresentado em recuo 4 à direita, cambria, 12, itálico, 1,5 sem espaçamento antes e depois dos parágrafos, para marcar ao leitor a passagem de estilo textual e diferenciar das citações diretas.

E se olhássemos o que se passa entre o pesquisador e a escrita como uma encenação? O pesquisador seria autor e ator em um teatro dirigido por uma ciência? Esta imagem tem força.

São muitos teatros, diretores e ciências; e a escolha destes se dá pelas apostas do autor-ator. Ele atua, expressa, sente, tempera. Escreve ficção salpicada de realidades. Assenta uma orientação. Delimita espaço, tempo, cenário, figurino. Mas, para além desses limites, faz-se pelas reverberações que extrapolam o fim da atuação, que ganham vida além das cenas.

Um autor-ator exercita-se. Estuda, perscruta, conversa, compõe peças de conhecimento. Escreve. Escreve. Redigir é um exercício. A escrita envolve sensibilidade. Exercitar sensibilidade é atentar-se para o que os cinco sentidos captam; precisar o que se sente quando se sente. E essa abertura implica uma atenção e não uma desconfiança de si. É refinar para um sentido (visão – escrever é ler) o que se vive a partir dos cinco sentidos. Na delicadeza para evidenciar, equalizar e alterar o que se vive e o que se escreve. Exercício que se faz naquilo que conecta com um ato de leitura possível. A vestimenta letra/palavra é incrementada com o que há de disponível, passando pela delicadeza singular das combinações daquele que encarna o personagem, sendo os detalhes o que, no todo, deslocam diferenças.

E cá me encontro na montagem de um personagem à medida que ensaio os pensamentos para escrever esta peça, enquanto me acompanha o diretor – que poda, censura, dá suporte e orienta. Entre metodologias, propostas, projetos, problemas, experiencio um modo de escrever e pesquisar com grupos.

A incompletude é crucial nessa minha criação; é impulso que me move na busca pela expressão. Incompletude que afirma os incessantes exercícios. Preparo-me para o espetáculo. A expressão, além da meta, é caminho sensível² que desbravo; é processo em feitura; é captura de público que eu, autor-ator, oriento na transmissão sensível; como toco o outro no extravaso rasgado deste ato-encenação?

² Por sensibilidade, compreende-se a “dimensão ético-política, que diz da produção de encontros que elevam nossa capacidade de agir na composição com forças que nos atravessam (culturais, sociais, étnicas, de gênero, de sexualidade, estéticas, orgânicas e não-orgânicas)” (SILVA, p. 51, 2017).

Escrever pressupõe compor cenas a serem vividas pelos leitores-expectadores (coparticipantes?). Simultaneamente, podem convidar à imaginação, incluindo aquele que assiste-lê; também podem provocar a vontade de seguir no arranjo de ideias propostas por mim. Cenas que podem ser monótonas. Cenas em diversidade de escritores/autores/atores/leitores.

Escrevo para mim. Para perpetuar? Escrevo para perturbar. Escrevo com; junto. Para ser lida e ouvida. Quiçá com pitadas de vaidade, de ego, na tentativa de deslocá-los; componho com pitadas de ironia. A história que eu, autora-atriz, pesquisadora-em-ensaio-de-escrever, conto, surge não como geração espontânea³, mas como um processo de sensibilidade de aproximação; assim, a escrita vai tomando forma e ganhando consistência em sua maleável concretude.

Merda⁴ para nós.

³ Geração espontânea ou abiogênese: teoria que defendia a origem dos seres vivos a partir da matéria não viva. Essa hipótese foi contestada em 1860 por Louis Pasteur (1822 – 1895). A teoria da biogênese, desde então, passou a ser aceita universalmente pelos cientistas. Disponível em: <<http://bit.ly/2x3teED>>. Acesso em: 4 dez. 2017.

⁴ “Merda” é uma expressão, de origem francesa, usada por atores como forma de desejar “boa sorte”. Disponível em: <<http://bit.ly/2x6co83>>. Acesso em: 4 dez. 2017.

Dos ditos e feitos coletivos

Previsão de futuro de uma carta

[modo *zoom* que se a f a s t a].

Encadernada com capa dura preta.

Letras douradas nomeiam.

Em uma prateleira.

Preenchendo uma estante.

Que entre tantas, enche, em fileiras, uma biblioteca.

[Porta que fecha, *zoom* a f a s t a até a porta ~~sumir~~]

Deter o saber sobre o depois,
diminui nossa potência de agir?

Afetar com tristeza

é um

problema

ético.

(Lara Rocha Andrade)

1. DOS DITOS E FEITOS COLETIVOS

Este texto não se pretende fixo, quer-se linhas criptografadas na imensidão comunicativa. O que ficará? Não se sabe. A ciência (ao menos algumas de suas versões) não planeja univocidade na produção de uma verdade; faz-se fluida naquilo que toca e atravessa. Deste lugar de produção de conhecimento procuro redigir, e para tanto, convido a pensar a importância da produção de um espaço de escuta, de cuidado e de compartilhamento.

Façamos um contrato de leitura sobre as páginas que seguem (assim como quando nas oficinas empreendemos tratados, acionamos modos de caminhar que possam propiciar modos de operar coletivos): a escrita leva um nome, mas perde-o na expansão, quando é tomada pelo outro em sua leitura; seremos sempre nós, coletivos, em atos de escrever e ler.

O que escrevo ou falo não é meu, é o coletivo em nós. E na ausência de leitores ou ouvintes, a fala habitará o espaço dissolvida no tempo e na natureza: são desencontros de quem fala para com quem ouve? De quem ouve para com quem fala? Tamborim também fala, passarinho fala, motor fala. Quando esquecemos que somos singularidades⁵ e que o que nos aproxima não comporta em palavras faladas ou ouvidas, mas sim afetos⁶? O que queremos aqui? O que queremos daqui?

Ela está no horizonte – diz Fernando Birri. – Me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos. Caminho dez passos e o horizonte corre dez passos. Por mais que eu caminhe, jamais a alcançarei. Para que serve a utopia? Serve para isso: para caminhar (GALEANO, 2001, p. 230) .

⁵ Por singularidade estamos a afirmar junto a Guattari os processos de diferenciação (revoluções moleculares) nos modos de existência que perpassam pela criatividade; é a afirmação de outras maneiras de ser, outras sensibilidades, outra percepção, para além da lógica da identidade (GUATTARI; ROLNIK, 2013).

⁶ “Por afeto compreendo as afecções do corpo, pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída, estimulada ou refreada, e, ao mesmo tempo, as ideias dessas afecções” (SPINOZA, 2009 p. 98). Pelbart (2008) ratifica, em diálogo com Spinoza, “vamos aprendendo a selecionar o que convém com o nosso corpo, o que não convém, o que com ele se compõe, o que tende a decompô-lo, o que aumenta sua força de existir, o que a diminui, o que aumenta sua potência de agir, o que a diminui, e, por conseguinte, o que resulta em alegria, ou tristeza. Vamos aprendendo a selecionar nossos encontros, e a compor, é uma grande arte”.

Perscruto, produzo um enigma, me detenho nele, desvendo-o (assim mesmo, no sentido de des-ver) e deparo-me com outro que convida retirar as vendas para ser visto. Converso com um tema que se constrói a cada produção; e o que escrevo hoje, amanhã poderá ser complementado, rasurado talvez, quando de uma nova experiência. Seguindo a aposta, por vezes angustiante, de andar em direção ao horizonte que só o é porque se estende até onde alcança o olhar. Para onde se olha? Como se olha? Andar, andar, andar; desvendo que o bonito é manter a caminhada feita de surpresas.

Se em um primeiro momento olhamos os rótulos que apresentam o tema a ser estudado, é para nos aproximar, apostando que há mais do que este pode informar. Tem cheiro? Tem gosto? Como posso experimentar?

Estamos acostumados a olhar rótulos em um modo de vida que parece caber em embalagens. A simples leitura do papel ou mesmo o reconhecimento da marca que o produto é comercializado apontam o que contém na embalagem. A lata muda, por vezes a transparência não impede que a confirmação seja dada pelo invólucro. *Sim, é azeitona.* Mas já não dava para saber só de olhar? Saber os conservantes, o valor calórico; *o que compõe aquilo que compro como azeitona?* E nos produtos “da sociedade”, os rótulos ganham tamanho, forma, movimentos. Braços, patas, corpos. Quem é você?

Gordo, magro, alto, baixo. Partimos ainda de nomes para orientar nosso encontro com o outro. Gay, lésbica, “bi”. Se você não decidir, como agirei ao te encontrar? *Melhor colocar um brinquinho logo nesse bebê, ou vão achar que é menino. Vista logo uma roupa e agilize;* indecisões são entraves sociais. Enquanto os rótulos forem parâmetros estáticos para orientarem as ações com os outros continuaremos como meras latas. Mas somos mais. O que pode produzir/provocar o encontro?

Tomada pela urgência em pensar novas formas de intervir no mundo, apostei no mestrado para maturar e impulsionar ideias. Durante a graduação, conheci o projeto de extensão “Oficinas de Sexualidade e Prevenção às DST/HIV/aids”⁷, idealizado e

⁷ Desde 1995 está registrado na Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal do Espírito Santo. O primeiro local de atuação foi o CEUNES (Centro Universitário Norte do Espírito Santo/UFES), em São Mateus. Permanecendo por quatro anos. O projeto foi interrompido em dois períodos (1997-1998 e 1999-2003). No segundo semestre de 2004 o projeto foi reiniciado incluindo em sua aposta

coordenado pela professora Dr.^a Maria Amélia Lobato Portugal. O início de uma prática que misturou linguagem técnica, experimentação e reflexão, além de direcionar minha formação e meu atual campo de atuação.

Por conseguinte, o desafio da presente dissertação foi explorar pistas junto a essa prática grupal; não encontrar um rótulo, mas mapear processos metodológicos, o “como” do trabalho. Desenvolver uma teoria do que fazemos.

Pinço os fios *grupo e oficina* como espaços possíveis de produção de pensamento/modos de relacionar com os territórios existenciais⁸. Dos muitos “objetos” de estudos na(s) Psicologia(s), são os grupos que, em minha formação, me provocaram desejo de ser psicóloga. E este foi atizado quando, dada a importância desse “objeto” para a prática profissional, mesmo com tanta produção teórica que se debruça sobre, atentei-me para outros muitos caminhos teóricos, conceituais, ainda possíveis de serem explorados. Dentre eles, os que conduzem às oficinas.

A oficina é uma metodologia de intervenção em grupos; comparece como ferramenta conceitual para trabalhos diversos e ganhou, ao longo da história, contornos específicos, o que coloca essa intervenção à margem das possibilidades de uso em muitas discussões. Apontamos o contexto atual como um momento histórico “quente” para impulsionar mais estudos em torno do “objeto” grupo, passando pela história de construção conceitual e apontando a intervenção oficina em sua potência interventiva.

Escrever com grupos é desafiador. Barros (2007, p. 29) afirma que “a escrita enquanto acontecimento é algo que irrompe. Também assim eu vejo os grupos – como dispositivos, como acontecimentos que ao irromper desmancham territórios cristalizados”. E esta pesquisa irrompe em um mundo em transição, que carece por compor conexões, assim como tudo o que se apresenta em novidade neste século. Como falar de grupos na era da Internet usando referenciais teóricos do século

metodológica a “Educação pelos Pares”. Desde 2005 o projeto oferta pelo menos um grupo por semestre.

⁸ “O território pode ser relativo tanto a um espaço vivido, quanto a um sistema percebido no seio do qual um sujeito se sente “em casa”. O território é sinônimo de apropriação, de subjetivação fechada sobre si mesma. Ele é o conjunto dos projetos e das representações nos quais vai desembocar, pragmaticamente, toda uma série de comportamentos, de investimentos, nos tempos e nos espaços sociais, culturais, estéticos, cognitivos” (GUATTARI, ROLNIK, 2013, p. 388).

passado? Como produzir referenciais para vislumbrar os novos contornos sociais que demarcam os dias e alfinetam a produção de saberes?

Trabalhar com oficinas implica atualizar o limite entre a saída da redundância, como aquilo que nos desloca para além do mesmo, e a "solicitação permanente a voltar ao mesmo ponto", na medida em que ao se repetir pode-se produzir outra condição, inclusive rachaduras nos modos habituais de pensar e sentir.

Inegavelmente, o trabalho com oficinas pode ser mais uma atividade com grupo, se usamos basicamente o mesmo "material": grupos. Então o que faz diferir?

Sim, veja o exemplo dos químicos. Eles trabalham com o mesmo material todos os dias: carbono e hidrogênio. É como a situação de um pintor que compra suas tintas na mesma loja. O que interessa é o que vai fazer com elas. O principal é livrar-se dessa espécie de redundância, de serialidade, de produção em série da subjetividade, de solicitação permanente a voltar ao mesmo ponto (GUATTARI; ROLNIK; 2013, p. 63).

Carbono começa como tal e altera a partir de novas interações. E o grupo? Existe um conceito a priori moldado à medida que interage com o meio ou esse conceito é mutável? Negri e Hardt (2014) auxiliam-nos no exercício de pensar: "novos conhecimentos e novos afetos políticos são criados na intensidade corpórea e intelectual das interações" (p. 59). Apostamos que o grupo possui concepções diversas por pesquisadores; palavra que comporta uma infinidade de conceitos.

Um pequeno ensaio



2. UM PEQUENO ENSAIO SOBRE O CONTEXTO BRASILEIRO E AS CONFIGURAÇÕES SUBJETIVAS DA CRISE

Você, leitor é participante ativo na construção deste texto, que não se encerra nestas palavras. O recurso textual escolhido para compor as páginas que se seguem é a ironia. Salpicadas de ludíbrios ao longo do capítulo, ora vão ranger ou estranhar; despercebidas não passarão. Na dúvida, se incomodar é porque estamos tentando ser fiéis ao atual contexto. O que é mais irônico do que o que estamos vivendo?

Os pequenos atos machistas podem não fazer grandes estragos quando pensados fora do contexto. Mas são os pequenos atos que dão força a movimentos maiores. A piada de bar, inofensiva, sustenta noções de mundo violentas. Não é uma música que faz o mundo violento. Não é uma letra de música que sustenta a cultura do estupro. Mas as falas cotidianas, rotineiras, perpetuam modos de vida. E nos carnavais tatuagens que são pedidos: “Não é Não”.⁹ E se nesse pequeno consolida-se o grande estrago; o pequeno ato rebelde é germe de grandes revoluções. Aqui o grupo, em sua miudeza, faz-se forte.

Escrevemos no presente. Como se constitui uma tentativa de análise crítica se não pelo estudo dos fios contemporâneos? É neles que pensamos, escrevemos, amamos, trabalhamos, definimo-nos e perdemos-nos. É no tempo presente que nos encontramos com que há de mais radical em nossa constituição; ao mesmo tempo é nessa composição que encontramos o que há de mais próprio dos tempos atuais.

Esta dissertação foi escrita no contexto do ano de 2018. Toda a minha formação em Psicologia se faz neste século, com as multifacetadas questões que isto porta. O texto foi produzido em torno dos grupos. Como atuamos? Que linhas nos tomam? E isto não pode ser feito a não ser em uma análise do que somos no tempo presente, de que matérias nos formam, em um presente sempre permeado por histórias.

⁹ O movimento feminista lançou a campanha “Não é Não” contra violência e preconceito para conscientizar a população sobre o assédio sexual. Essa ação se espalhou pelo país, ganhando força durante o Carnaval.

Deste modo, interessa-nos traçar registros desse momento no cenário brasileiro que provoca graves efeitos para as políticas públicas. Ressaltamos não pretendemos dar conta deste contexto, por ser ainda efervescente, “bastante abrangente e com interconexões difíceis de serem analisadas de modo sucinto”; apenas levantaremos aspectos, tecendo aproximações com assunto do texto.

Sabemos que, em 2016, a presidenta do Brasil sofreu *Impeachment*, em meio a clamores de nova ordem; isso ocorreu 24 anos depois de o primeiro presidente eleito por voto direto, após o Regime Militar, sofrer igual sanção. O partido que chegara a essa situação, após 20 anos no poder, se esfacelava em críticas que questionavam o lugar político há muito reivindicado, a esquerda. Confusamente como o grande cenário nacional, o vice-presidente tomou posse junto à oposição, reerguendo um governo de direita, enquanto a população reclamava por novas eleições. O país forjou controle pela voz patriarcal que tentava pôr ordem na casa. Eleições para quê? O Brasil precisava de ordens para que o progresso acontecesse e regurgitasse, com ironia.

Direita, esquerda, governo, população, nacionalismo. Em nenhum desses vocábulos cabe exatamente uma unicidade. Achatam-se nas palavras-ordens, dividem-se, fragmentam-se e descrevem-se. E como estariam os grupos nesse cenário? O país seguiria democrático? Ou já reiniciara uma ditadura? Qual a legitimidade de cada ação política? Quanto tempo levaria até a Revolução se formar? Ela que prescinde grupos.

Os grupos ainda estão presentes, tropeçando nas diferentes opiniões, enquanto confusos aziamos reações desconexas daqueles que supostamente deveriam ser grupos; uma nova conjuntura se fez. Se o grupo se fortalece, a política muda, como ocorreu no *Impeachment*. Até os dispersos foram provocados para unidos fortalecerem a Nação.

Figura 1: Foto - Multidão em manifestação pró-impeachment



Fonte: Rovená Rosa/Agência Brasil

Alguns grupos, como os “verde e amarelo”, das manifestações pró-impeachment da ex-presidenta Dilma Rousseff, relembaram o chamado feito pelo ex-presidente Fernando Collor em 1992 para, de caras-pintadas, reclamarem pelo Brasil que queriam. Mas, e aquela reunião de gente nas ruas do país, vestindo as mesmas cores e gritando os mesmos gritos, seria um grupo?

Figura 2: Foto - Multidão em protesto no sindicato dos Metalúrgicos



Fonte: Francisco Proner

No sábado de 7 de abril de 2018, Francisco Proner, 18 anos, fotografou o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva nos braços de uma multidão, no Sindicato dos Metalúrgicos, em São Bernardo do Campo.

Ora centro, ora borda. Ora toma, ora entrega. O grupo faz ecoar gritos que emanam sem, necessariamente, um porta-voz. Anos atrás, para silenciar um movimento, uma opção era prender o(s) líder(es), o(s) cabeça(s); o que escapou durante a Ditadura? Quando os grupos entendem que suas forças estão na composição coletiva, prendem-se pessoas, não ideias. Hoje, isso que ora se faz grupo, ora reunião de pessoas, ora não se sabe o que seja, provoca discórdias que ensaboam o chão, deslizando a confiança e desfazendo esses grupos/reuniões/multidão¹⁰. Desfazem para se refazer.

Às vezes, nos sentimos soltos, sozinhos, como se tivéssemos nos mobilizado por um único objetivo, quando os pedidos eram tão diversos. Juntos conseguimos a mudança desejada; até o momento em que o desejo se esbarrou nos quereres dos Grandes. O povo se serve como convém. Mas, resistimos. O gigante acordou¹¹, apertou o “soneca” do despertador e dormiu mais 5 minutinhos. Se esse recurso pode aumentar a vontade de ficar deitado, e nos atrasar para os compromissos, em um movimento de procrastinação, ele pode também propiciar tempo suficiente para revigorar as energias e nos impulsionar a sair da cama. O que faz ser um ou outro? Uma linha tênue que se apresenta, também, nas relações sociais, que podem produzir coletivos ou provocar isolamentos, como defendem Negri e Hardt (2014): “[...] a natureza associativa das relações sociais é transformada num isolamento apavorante [...]. Como podemos voltar a mobilizá-los?” (p. 41-45).

Muitos questionam onde estão aqueles que outrora estiveram reclamando com pautas diversas. Descansaram para esperarem o Carnaval¹². A fumaça de fogo em pneu, que incomodou por um tempo, foi se dissipando como se a chama estivesse apagado. O

¹⁰ Grupo, reunião e multidão são conceitos diferentes que falam de junção de pessoas.

¹¹ O “gigante acordou” é uma expressão usada para se referir à estrofe do Hino Nacional, na qual o país é adjetivado como gigante: “Gigante pela própria Natureza/ És belo, és forte, impávido colosso/ E o teu futuro espelha essa grandeza/ Terra adorada/ Entre outras mil/ És tu, Brasil/ Ó pátria amada!”.

¹² É uma manifestação popular, com inúmeras origens descritas, na qual as pessoas ocupam as ruas para festejar. Inclui seu nome, “carnaval”, possui significados e histórias diferentes. No Brasil antecede à Quaresma – uma das principais celebrações do Cristianismo, período de quarenta dias anteriores à Páscoa, em que se comemora o Renascimento de Cristo - figura central do Cristianismo. O Carnaval no Brasil é conhecido por ser a época do ano em que é liberada a expressão, improvisação e subversão.

que é a fumaça de uma fogueira em meio à atmosfera inteira? Acende-se aqui, e qual diferença faz para quem seque a vê de lá? Cada qual cuidando do seu quinhão de existência cotidiana que o mantém humano; o país desviando de possíveis crises¹³.

Uma analogia contraditória quando falamos do mundo globalizado. Se reduzimos os grupos, e se são eles que nos constituem enquanto humanos, passamos o tempo tentando nos firmar em algo novo. Mas o que será essa inovação, se o que pulsa ainda é grupo? Se saímos individual, linha única, e nos fortalecemos alinhavados, onde começa um tricô depois de finalizada a peça? Uma costura infinita e expansiva que principia com uma única linha, conectada a outras, se espalham em formas inusitadas e sustentam pesos, pois estão interligados, resistem.

Figura 3: Foto - Exposição Tempo de Respirar (Maria Nepomuceno)



Fonte: Acervo do pesquisador.

¹³ “Crise é Tsunami nos EUA e, se chegar ao Brasil, será ‘marolinha’”, frase pronunciada pelo ex-presidente, atual réu na Operação Lavo-Jato - conjunto de investigação em andamento pela Polícia Federal -, Luiz Inácio Lula da Silva, durante um evento político em São Bernardo do Campo, em 2008.

Figura 4: Foto – Espetáculo Gira, do Grupo Corpo



Fonte: site Oficial do Grupo Corpo.

Disponível em: <<http://www.grupocorpo.com.br/>>.

Nas artes, insistimos no coletivo. “O Grupo Corpo¹⁴ não tem nome de ninguém: é como grupo que conseguimos ter uma identidade”, fala de Paulo Pederneiras¹⁵, diretor geral e artístico da companhia de dança. Ora o individual faz-se mais que o grupal, como um bailarino que sozinho coreografa um espetáculo, fazendo-nos esquecer por um instante que não há espetáculo sem público/coletivo/grupo que o assista.

Quando você se verga sob o peso da dívida, quando sua atenção está hipnoticamente dirigida para a tela, quando você transformou sua casa numa prisão, você percebe o quanto a crise capitalista individualiza e tensiona as paixões humanas. Você está sozinho, despotencializado. No entanto, assim que você olha ao redor, enxerga que a crise também resultou num estar juntos (NEGRI, HARDT, 2014, p. 50).

Enquanto nos “desviávamos” das possibilidades de instabilidade, o país já sentia efeitos do que veio a se tornar uma das maiores crises no cenário brasileiro, abalando todos os campos de produção de sentidos: político, econômico, social, constitucional, midiático, ético. Enquanto possibilidade, não conseguimos enxergar o alcance; quando institucionalmente instalada, virou notícia nos meios de comunicação, assunto principal de conversas informais, e fomos atravessados por problemas

¹⁴ Grupo Corpo é uma companhia mineira de dança contemporânea fundada em 1975.

¹⁵Entrevista concedida ao site Oficial do Grupo Corpo. Disponível em: <<http://www.grupocorpo.com.br/>>. Acesso: 10 abr. 2018.

comuns às crises: desemprego, perda de poder aquisitivo, reorganização nas prioridades afetos reduzidos às esferas psicológicas.

Com dose de ironias, percebe-se que a crise¹⁶, junto ao atual Governo, foi ganhando contorno atencioso e carinhoso de um pai, que educa ao chegar de viagem, pondo em ordem a bagunça feita pelos filhos durante um fim de semana. A crise, esses filhos que se valem da ausência do pai para fugir às ordens, pede, clama, por bordas, contenção. E a figura do pai surge em voz firme e seguindo à risca os arranjos sintáticos, gramaticais, ‘empregando o português corretamente’. Até a casa se reestabelecer; ou melhor, construir um outro mundo possível. A ordem “de cima” separa, segrega: “cada filho de castigo para um quarto”. O que foi união, parceria, na hora da desordem, se desfaz. E neste contexto, impõe-se sofrer as consequências sozinhos; pois, se ficarem de castigo juntos: ‘podem confabular resistências’.

Referimo-nos a um modelo hegemônico que percebe o capitalismo para além de sua produção material, mas para o capital imaterial - o que vende nem sempre é físico, carnal, matéria; reportamo-nos aos recursos subjetivos como importantes produtos econômicos de circulação, atualmente “veículos de subordinação social”. Na crise,

[...] o empobrecimento que o proletariado atual sofre não é somente, na realidade, como Marx e Engels teorizam, uma redução de salários e uma exaustão dos recursos materiais da vida individual e coletiva, mas também (e cada vez mais) a privação de nossas capacidades humanas, sobretudo nossa capacidade de ação política (NEGRI, HARDT, 2014, p. 50).

Negri e Hardt (2014) nos assessoram a pensar sobre o contexto atual por meio do que chamam de “figuras subjetivas da crise”, pelas quais podemos analisar os modos de vida que regem parte das relações no contemporâneo: o endividado, o mediatizado, o securitizado e o representado. Ao longo desta seção discorreremos sobre.

¹⁶ Crise, neste texto, se refere ao momento de desestabilização política, econômica, social, constitucional, experimentado por diversos países que vivem sob o Sistema Econômico Capitalista, especialmente o Brasil que é tema de análise no presente capítulo.

Uma crise teria princípio?

Um homem subitamente deixa de ver, vítima de uma cegueira branca, que começa a se espalhar, causando caos na cidade. Mas será que o caos foi causado pela cegueira? Ou o caos já existia, mas só ‘visto’ com a chegada da cegueira? (SARAMAGO, 1995, p. 4).

Fazendo um paralelo com a escrita deste texto, assim como uma crise pode se originar de circunstâncias muito anteriores à que se considera estopim, quando se iniciaria de fato esta dissertação? Poderíamos presumir que ela iniciara a partir da aprovação no processo seletivo, ou da finalização do projeto, ou após a etapa de qualificação; ela pode ter começado no momento em que me encontrei com a prática profissional junto a grupos. Sua gênese pode não ser certa; fato é que ela hoje existe. E por quê determinar o início de algo passa a ser importante no delineamento de uma história?

Onde nasceram as manifestações de junho de 2013¹⁷ no Brasil? “Todos os movimentos políticos se originam dessa mesma maneira: de uma decisão de ruptura a uma proposição de agir juntos” (NEGRI, HARDT, 2014, p. 51). Sem sabermos quando, onde, de quem, surge a decisão, as manifestações irrompem, “sem líderes ou organizações que pudessem assumir o protagonismo”, com pautas múltiplas; falas gritantes de insatisfações diversas. Incitada nas redes sociais, sem caras até que elas reunidas se mostrem nas ruas. Se antes se questionava a capacidade de as relações online aglomerarem multidões, em junho de 2013 revelou-se o que pode a Internet:

Uso da internet, das mídias e redes sociais virtuais e de celulares se constitui num diferencial importantíssimo do novo grande movimento social que mexeu com o País e com as visões sobre ele. As mídias e redes sociais virtuais (YouTube, Flickr, Facebook, Instagram, Twitter etc.) se constituem em canais de informação, em ambientes comunicacionais, em pontos de encontro, enfim, em redes e, às vezes, até em comunidades, que facilitaram os relacionamentos (entre os que estão conectados), a articulação entre as pessoas e as ações conjugadas (acertos de dia, local e hora para encontros presenciais). Claro que servem ainda de arena de debate, de difusão, acesso e troca de informação. Tudo isso, no que se refere ao ambiente interno no ciberespaço e no que diz respeito ao processo de mobilização que acaba por desembocar nas ruas das principais cidades do País (PERUZZO, 2013, p. 79).

¹⁷ Os “movimentos sociais são articulações da sociedade civil constituídas por segmentos da população que se reconhecem como portadores de direitos e que se organizam para reivindicá-los” (PERUZZO, 2013, p.75).

Aqui se desenha a primeira figura por Negri e Hardt (2014): a do representado, presente, latente, que recusa prepostos escolhidos, ao mesmo tempo em que procura por representações. Essa figura age “em nome de”; como organizar um grupo/uma sociedade? Pensemos na organização de uma república onde moram nove jovens estudantes; quem recebe, soma e arrecada o dinheiro para pagar as contas? Como se dá a limpeza, a divisão dos quartos, uso dos banheiros, compras da casa?

O critério fundamental para a figura do representado é a noção de organização; são muitas pautas para serem ordenadas, debatidas e solucionadas em uma casa onde vivem 207 milhões de brasileiros. Como tantas vozes podem ressoar em tempo hábil para as “coisas” acontecerem? Elege-se para isto um porta-voz.

A representação, para quem vive em regime democrático – especificando o Brasil, que se estrutura em três poderes consolidados por representantes do povo –, faz-se, por vezes, como única possível solução dos problemas apresentados. Como acessar a ação política eficaz, sem passar pela representação? As manifestações de 2013 criticaram a figura do representado, ainda que tenham sido sustentadas por votantes; quando tentaram silenciá-las, no fôlego da perseguição perguntando: “onde estão os seus líderes?” Os próprios que se recusaram a apontar porta-vozes valeram-se do sufrágio para afirmarem representantes. “Devemos reconhecer que a representação não é, de fato, um veículo da democracia, mas sim um obstáculo para sua realização” (NEGRI, HARDT, 2014, p. 40).

Todos esses aspectos apontam para mudanças além do cenário político, incluindo elementos - como a Internet - que remodelaram inclusive as noções de grupalidade¹⁸. Nessa circunstância, se os grupos se refazem, os estudos requisitam atualizações. Apita-se no celular, no computador; apita-se no cotidiano de práticas que nos convidam a procurar incessantemente (in)formações. Alguns autores cuidaram para conduzir os estudos a partir do contexto histórico em que estavam envolvidos. Por exemplo, a partir da Segunda Guerra Mundial, para olhar o homem, fez-se urgente observar os grupos, esfacelados pela guerra, ou unidos por ela.

Há momento mais propício para retomarmos os estudos sobre grupos senão a época atual? Não há ocasião (im)própria para estudar a respeito, mas sustento a ideia de

¹⁸ “A que vazio social somos resposta quando instituímos grupos?” (FERNANDEZ, 2006, p.132).

que é uma circunstância favorável para isso. Se antes, quando o grupo emergia como objeto das ciências, foi importante, hoje faz-se imprescindível.

O que mais tem nessa cama de gato? As indústrias farmacêuticas e a alta medicalização da vida. A serialização do sofrimento psíquico. A vida de pessoas que são vitrines virtuais; o que vende? Todos sabem o que é depressão, TDAH¹⁹. A automedicalização é possível, é só ‘pesquisar no Google’. O excesso de interpretações, na busca insana por determinações, representações. E mais uma vez o provocativo científico da busca por respostas. O que eu tenho? Incluímos fatores que mudaram a forma de vida do homem na Terra. Na quarta revolução industrial: A revolução online. Revolução ou um outro modo de produção de territórios existenciais?

Nas manifestações de 2013, reivindicamos que somos protagonistas nesta era; temos opinião, “perfil” público, dezenas de amigos, disputamos curtidas e corações²⁰; acessamos notícias de qualquer lugar com a Internet e um aparelho. Ou apenas brincamos de ser? Reivindicamos direitos, nos sentimos atores políticos, sufragistas; consumimos, adquirimos bens, “minha casa, minha vida²¹”, escolhemos viver como quisermos – nas possibilidades que nos cabe. Meu consumo é também meu protagonismo. Quem pode participar?

Nesse sentido, nos reportamos à figura do endividado (NEGRI, HARDT, 2014, p. 21). Consumir é ação, troca recíproca. Quanto vale meu gosto? Meu estilo de vida? Quanto custam minhas necessidades? Desde as primárias, fisiológicas – parte delas já fixadas em valores monetários; até as necessidades de autorrealização²², e quantas mais existem? Parte do meu protagonismo está no meu consumo, que passa por quanto/como posso pagar. Crédito, débito, parcelado em 48 suaves prestações, no

¹⁹ Transtorno de déficit de Atenção/Hiperatividade.

²⁰ Perfil público, curtidas e corações são dispositivos presentes nas plataformas online que garantem a interação de quem participa de redes sociais online.

²¹ Programa de habitação popular do Governo Federal.

²² Faço menção à pirâmide de Abraham Maslow, teórico que hierarquizou as necessidades humanas. Ele defendia que nossas ações são motivadas a satisfazer algumas necessidades, encaixadas em cinco níveis: necessidades fisiológicas, de segurança, sociais, de estima e autorrealização.

crediário, ou programa de fidelidade, 10% de desconto à vista. E lá vamos nós. A moeda de troca do consumo é o dinheiro, a moeda de troca do dinheiro é o tempo.

O que fazemos com o tempo?

Pecados temporais que escoam pelas areias.

*O desejo insaciável, além do necessário, por tempo. A **gula temporal**.*

Eu como e bebo o tempo; o excesso dele, em mim, engolido, deglutido, sempre mais e mais, não sacia.

O apego aos prazeres carnavais proporcionados pelo Tempo, que produzem desordem dos sentidos e da razão. As curvas luxuriosas demarcadas por ponteiros insistentes e pulsantes; tictaquiantes, que excitam, e aquietam.

No apego avarento excessivo e descontrolado do tempo. Cada segundo, cada minuto. Se firma em possibilidades; o Tempo acima de qualquer coisa.

A Ira é o intenso e descontrolado sentimento de raiva pelo Tempo: pelo excesso do mesmo, pela falta do mesmo, pelo descontrole ao lidar com ele, ou mesmo pelo controle excessivo.

No orgulho excessivo, arrogância, vaidade e soberba: 'O Tempo sou eu'.

Afastar-se preguiçosamente de qualquer experiência temporal; morosa, lenta.

É o desejo exagerado por posses, status, habilidades e tudo que outra pessoa tem e consegue. O invejoso ignora o Tempo que possui para cobiçar o Tempo do próximo.

Desfrutemos do tempo a nosso favor. Na pressa do que acontece, há prazos a cumprir, desejos a realizar, dias que findam. Trabalhar para tirar férias, as tais alforrias momentâneas que compramos enquanto seguimos como servos e não patrões – donos dos próprios negócios. Ah, ser patrões! Administrar as próprias horas, não cumprir funções subordinadas, o sonho da classe média.

O que seria liberdade no capitalismo? Ser autossustentável ou ser o patrão? Vendo o meu tempo de Vida. Endividar (en + dívida + ar): da vida que se divide em parcelas de ar. Os produtores acreditam ser consumidores. O trabalho muda de lugar quando

acreditamos que ele é consequência de quem consome, e não causa primária da produção social.

Isso reafirma o consumo como principal foco. A figura do endividado é pauta frequente nos telejornais: “não se endivide”, “faça consumo consciente”. Apregoa-se que haja uma relação consciente de consumo para sustentar o consumismo. Nessa perspectiva, eu só poderia consumir a partir do meu poder de compra. Para o capitalismo, melhor “educar para o consumo” do que extingui-lo.

A que educação nos referimos neste caso? Disseminada nos programas de TV aberta – a figura do mediatizado desenha-se aqui –, dedica-se a “proporcionar às pessoas as competências, atitudes e conhecimentos necessários para viver numa sociedade de consumo²³”. É tema de livro, seminários e congressos. Na lógica de sustentação do modelo capitalista, a mídia é um dos maiores meios para “educação social”. É por ela, com a ilusão do alcance nacional, que pensamentos são difundidos, comportamentos são ensinados e consumos estimulados. A quem interessaria essa educação? Se adentrarmos esse debate, encontraremos estudos já realizados na área Comunicação: o consumo infantil, o que as propagandas devem cumprir para serem liberadas para divulgação, a estruturação do Conselho Nacional de Autorregulamentação Publicitária (Conar). Argumentos que se somariam a este texto, se tivéssemos tempo suficiente para.

A figura do o mediatizado (NEGRI, HARDT, 2014, p. 21) foi caracterizada a partir da década de 1980, com a denominada Revolução Digital, quando ocorreu a transição da tecnologia analógica para a digital. Com o controle das informações e das redes de comunicação, a figura do mediatizado agita-se inquieta, ainda desfigurada, imersa em mudanças dos modos de se relacionar que ocorre a muitos Mb/s²⁴.

Assim, com a automação, por exemplo, os novos padrões de associação humana tendem a eliminar empregos, não há dúvida. Trata-se de um resultado negativo. Do lado positivo, a automação cria papéis que as pessoas devem desempenhar, em seu trabalho ou em suas relações com os outros,

²³ Explicação disponível em: <<https://www.consumerclassroom.eu/pt>>. “O espaço cibernético Consumer Classroom visa promover a Educação do Consumidor entre jovens e em especial incentivar o seu ensino nas escolas secundárias europeias. É um site multilíngue entre vários países europeus e financiado pela Comissão Europeia”. Acesso em: 12 nov. 2017.

²⁴ Mb/s é sigla que se refere a uma unidade de transmissão de dados. O megabit por segundo, também representado por: Mbps, Mb/s, Mbit/s ou Mbit/seg.

com aquele profundo sentido de participação que a tecnologia mecânica que a precedeu havia destruído (MCLUHAN, 2000, p. 21).

Havia a equivocada noção de que antes as máquinas²⁵ poderiam ser manuseadas apenas em ambiente de trabalho sob supervisão; hoje, elas fazem parte da casa e da rotina de muitos trabalhadores que acessam e exercitam a expressão online. Esse limite entre ambiente de trabalho e doméstico há muito se desfez, com as máquinas de costura da vovó, de lavar roupas, de processar dados (computadores). Adaptamos nossas vidas e novas palavras são produzidas para incrementar nossos desejos, como comodidade e conforto. Na sétima arte nossa imaginação encontra reverberações em histórias que brincam com o futuro, com a ciência e com a tecnologia: das máquinas que dominam os homens e o mundo, dos robôs que substituem os homens para além do trabalho, pois sentem como eles; entre sustos e reflexões somos impactados pelas consequências dessas criações.

Existem limites?

De fato, os governos repressivos atuais tentam limitar o acesso a sites, fecham blogs e páginas do Facebook, atacam jornalistas e bloqueiam o acesso às informações. Reagir a essa repressão é certamente uma batalha importante, e muitas vezes, testemunhamos como as redes midiáticas e o acesso a elas rompem afinal e inevitavelmente todas essas barreiras, frustrando as tentativas de fechamento e silêncio (NEGRI E HARDT, 2014, p. 27).

As redes sociais ganharam concretude visual, mas seguem na nuvem da virtualidade cibernética, difícil de explicar: “eu tenho um perfil no Facebook”, é concreto. E onde as informações são guardadas quando me desconecto? Espírito quando não visto assusta. É o medo do que não se vê; o invisível toma conta. Arquivos na “nuvem”, do céu? Não, de algum lugar, em linhas de conexão invisíveis. No modo analógico era físico, telefone com fio, a estranha parabólica. No modo digital, o que é palpável?

O trabalho dito imaterial, a produção pós-fordista, o capitalismo cognitivo, todos eles são fruto da emergência do comum²⁶: eles todos requisitam faculdades vinculadas ao que nos é mais comum, a saber, a linguagem, e

²⁵ Máquinas são dispositivos que utilizam Energia e Trabalho (conceitos da Física) para atingir um objetivo.

²⁶ “Diríamos que o comum é um reservatório de singularidades em variação contínua, uma matéria anorgânica, um corpo sem órgãos, um ilimitado (apeiron) apto às individuações as mais diversas” (PELBART, 2008).

seu feixe correlato, a inteligência, os saberes, a cognição, a memória, a imaginação e, por conseguinte, a inventividade comum. Mas também requisitos subjetivos vinculados à linguagem, tais como a capacidade de comunicar, de relacionar-se, de associar, de cooperar, de compartilhar a memória, de forjar novas conexões e fazer proliferar as redes (PELBART, 2008, p. 55).

E os grupos? Estes, pelo menos em nome, estão por toda a parte. Multiplicam-se e ganham nomes próprios, imagem de representação, foto de perfil, desenhos e dinâmicas de funcionamento particulares – de quantos grupos de *WhatsApp*²⁷ você participa? E os de e-mails? Em quantos do Facebook você entrou? Ainda que não estejamos envolvidos diretamente com contas e em acessos regulares, vivemos em uma sociedade que experimenta essas outras formas de conexão. E podemos chamá-las de grupos? Faz-se urgente atualizar os estudos destes, em meio às mudanças.

Insistimos nos grupos mesmo quando afirmam que somos individualistas. Houve o alerta de que a sociedade tecnológica afastaria as pessoas e produziria mais individualismos. O que fabricamos com isso? Ainda estamos nas praças, praias e shoppings. Ainda nos ônibus, ruas e parques. Estamos por aí, ainda que habitando na “nuvem”²⁸. Ainda pulsamos. E insistimos. Somos grupos.

Anos de desestabilização são como dinamites que explodem nas bases das estruturas sociais e abalam tudo que ela sustenta. Dimenstein (2000) aponta para o processo de difusão da psicanálise nos anos 60 e 70:

[...] com uma nova concepção de indivíduo: o sujeito psicológico, cuja verdade é a do seu desejo inconsciente. Dessa maneira, um dos seus efeitos foi engendrar uma concepção de subjetividade individualizada e individualizante, particular, singular a cada sujeito, mediada exclusivamente pela história pessoal de cada indivíduo (p. 98).

²⁷ WhatsApp Messenger consiste em um aplicativo gratuito para a troca de mensagens online. O WhatsApp foi criado como uma alternativa ao sistema de SMS (serviço de mensagens curtas) e oferece suporte ao envio e recebimento de uma variedade de arquivos de mídia: fotos, vídeos, documentos, compartilhamento de localização e também textos e chamadas de voz.

²⁸ Nuvem consiste no fornecimento de serviços pela Internet.

Apostamos em uma mudança nesse modelo hegemônico²⁹, ainda individualista³⁰, mas agora com características de um indivíduo acelerado que necessita de soluções rápidas para o dia a dia. Hoje a difusão dos estudos cognitivos e comportamentais (TCC) e neurociências – chama a atenção, embora continuemos num modelo “individualista na busca de ajustamento”; acrescentamos a este padrão o caráter resolutivo instantâneo, pela “destruição simbólica” da análise longa, partindo de uma demanda pontual, resolutiva e breve.

Enunciam-se novos processos. “Vivemos em uma sociedade em que o capital funciona explorando progressivamente a produção e a expressão do conhecimento, uma sociedade de capitalismo cognitivo” (NEGRI, HARDT, 2014, p. 84). O tempo de almoço é contado e reduzido, como o do macarrão instantâneo que oferece praticidade. Bastam três minutos. Como encontrar o amor em apenas dois dias? Como conquistar fama em quinze minutos? Como se tornar rico em sete passos? Livros, palestras, *workshops*, TED³¹, uma fala densa repleta de ideias que já mudam o mundo traduzido para inúmeras línguas com divulgação online em, no máximo, quinze minutos. Mas, “a informação sozinha não é suficiente” (NEGRI, HARDT, 2014, p. 56).

Emagrecer em dez dias; ficar *bela* em uma foto usando programas de correção de imagens. Um clique e uma amizade se confirma; uma visualização que elege “a melhor figura pública”. Um vídeo e possíveis milhões de visualizações. Um erro político e, fora do período das eleições, um candidato perde milhares de seguidores. E a sugestão em memes³² como: “a gente podia suspender as eleições e resolver os

²⁹ A hegemonia “cumprir o papel de manter estável a ordem social e sua forma de organização política superior, o Estado, cimentando a construção da estrutura social. A hegemonia se realiza em dois planos: o material e o ideológico” (FARIA, p. 210, 2013).

³⁰ O individualismo “em termos gerais, e sem enveredar pelas controvérsias a ele relacionadas, remete a um conjunto de ideias e valores que colocam o indivíduo particular no centro das atenções e tendem a atribuir a este indivíduo a possibilidade de realização pessoal, de forma independente daqueles que os circundam” (TOURINHO, 1993).

³¹ A TED é uma organização sem fins lucrativos dedicada à divulgação de ideias, geralmente sob a forma de conversas curtas e poderosas. Evento que é transmitido online, com acesso livre. O TED começou em 1984 como uma conferência em que a Tecnologia, o Entretenimento e o Design convergiram, e hoje abrange quase todos os tópicos - da Ciência, aos Negócios e Questões Globais - em mais de 110 idiomas. Executar eventos no TEDx de forma independente ajudam a compartilhar ideias em comunidades de todo o mundo. Disponível em: <<https://www.ted.com/>>. Acesso em: 20 jan. 2018.

³² “Termo que significa imitação. Bastante conhecido e utilizado no “mundo da internet”, referindo-se ao fenômeno de “viralização” de uma informação, ou seja, qualquer vídeo, imagem, frase, ideia, música e etc., que se espalhe entre vários usuários rapidamente, alcançando muita popularidade”.

problemas do país em um grupo de WhatsApp”. Negri e Hardt (2014) empregam a expressão “correntes invisíveis” para se referirem aos enlaces comprometedores do sistema capitalista.

Para os leigos, pobres mortais, se a Psicanálise representa um tratamento longo, que pode durar anos e intervir nas histórias de infância de uma pessoa, as teorias comportamentais e cognitivistas podem trabalhar o foco do problema, reduzindo as sessões e direcionando o tratamento. E se incluirmos o *Coaching* nesse círculo, iremos ainda adiante. Segundo Dimenstein (2000, p. 101):

De forma sucinta, pode-se dizer que a Psicologia cresceu comprometida com o capital e o consumo, servindo principalmente de suporte científico das ideologias dominantes e de auxílio na perpetuação do status quo ao longo do seu percurso de legitimação social. Em função disso, considera-se que a Psicologia muito pouco exerceu, e vem exercendo, um papel questionador e transformador das instituições e das relações pessoais e vem contribuindo mais para a reprodução das estruturas sociais e das relações de poder (apud BOTOMÉ, 1996; GIL, 1985; MARTÍN-BARÓ, 1997).

Dentro ou não da Internet, não há fora. Com ou sem celular, com ou sem redes sociais³³, não importa como, estamos todos mergulhados no *Cyberespaço* – estamos grupos lá (ou aqui?) também, com os caracteres contatos, memes que representam o sentimento/ideia/sensação de muitos, mais que um texto; um dia, 24 horas, resumido em um meme. E ainda que não estejamos no mesmo grupo, apenas “curtir” a mesma página de piadas já nos faz conectados a um modo de grupalidade. “Quebre o feitiço e descubra uma nova maneira de se comunicar” (NEGRI, HARDT, 2014, p. 56), ironicamente poderia ser o *slogan* para acesso à nuvem.

Assim, afirmamos o grupo como meio de insurgir, compartilhar a ação; como constituição do campo comum. Nesse cenário que desenha novos modos de relações, o grupo ainda resiste. E este, configurado em uma produção de saber dicotômico, alinhavado ao modo do indivíduo; só há um se o outro existir. Só há um, se houver o que o opõe, e o grupo apresenta-se como oposição do uno.

Essa dicotomia consolidou-se como mote de um modelo científico que emergiu a partir dos séculos XVII e XVIII, com as ciências naturais, e foi amplamente expandida para

³³ “Redes sociais são estruturas formadas dentro ou fora da internet, por pessoas e organizações que se conectam a partir de interesses ou valores comuns”.

as humanidades séculos mais tarde, preservando seus princípios epistemológicos e suas regras metodológicas³⁴, como objetividade, neutralidade, racionalidade, ceticismo.

Atualmente não é tão simples falarmos de uma ciência dualista, por haver a existência de outras perspectivas que se apresentam como novo paradigma – consciência ecológica³⁵ – colocando em cheque essa dicotomia que ajudou na construção e consolidação do grupo como campo de estudo e intervenção.

Interdependência, reciclagem, parceria, flexibilidade e diversidade são alguns dos princípios básicos do paradigma ecológico³⁶. Uma pergunta profícua: quais são as implicações dessa mudança para a análise dos grupos? Entendendo as limitações temporais e os enquadramentos do presente trabalho, é pertinente que elas sejam retomadas em outros estudos.

Na composição das figuras da crise, junto ao endividado, ao representado e ao mediatizado, há o securitizado (NEGRI; HARDT, 2014, p. 21). As redes de vigilância vão além das câmeras de segurança nas vias públicas; passam pelas redes sociais que, verdadeiras ou não, produzem fiscais curtidores de vidas: onde estão? Com quem? Quantas fotos postaram? Como estão estudando para o mestrado de férias? Fiscais do cu alheio; fiscais atentos, vigilantes gratuitos. “O medo é a motivação básica do securitizado para aceitar não só seu papel duplo - vigia e vigiado - no regime de vigilância, mas também o fato de que muitas outras pessoas estão ainda mais privadas de sua liberdade (NEGRI e HARDT, 2014, p. 38).

De fato, a comunidade³⁷ nunca existiu (PELBART, 2008, p. 37). Não temos um lugar para onde voltar; estamos, em um primeiro momento, em meios públicos e comuns. Público, entendido a partir de Negri (2016), como “produto histórico de vontade e lutas

³⁴ SANTOS, B. de S. Um discurso sobre as ciências. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2008.

³⁵ CAPRA, F. A teia da Vida. São Paulo: Cultrix, 1996.

³⁶ CAPRA, F. A teia da Vida. São Paulo: Cultrix p. 223, 1996.

³⁷ Por que essa exigência de comunidade nos seria desconhecida? Pois a comunidade, na contramão do sonho fusional, é feita de interrupção, fragmentação, suspense, é feita dos seres singulares e seus encontros. Daí porque a própria ideia de laço social que se insinua na reflexão sobre a comunidade é artificiosa, pois elide precisamente esse entre. Comunidade como o compartilhamento de uma separação dada pela singularidade (PELBART, 2008).

coletivas”. Debates sobre o público e o privado eclodem. O primeiro, como aquilo que sugere livre acesso; o segundo, como característica individual. O que os diferencia?

Das fotos e vídeos “íntimos”; dos memes que se valem da produção de fotos e vídeos privados. Um modo de vida que vai se tecendo no público; uma dimensão compartilhada da sexualidade. Com escolha entre os perfis público e privado nas redes sociais: “li e aceitos os termos e políticas, com declaração de direitos e responsabilidades”³⁸.

O capital explora progressivamente toda a gama de nossas capacidades produtivas, nossos corpos e nossas mentes, nossas capacidades de comunicação, nossa inteligência e criatividade, nossas relações afetivas mútuas etc. A própria vida foi atrelada ao trabalho (NEGRI e HARDT, 2014, p. 24).

Compomos um contemporâneo que cresce em número de farmácias e reinventa o conceito destas. Se antes o mercadinho de bairro poderia se tornar supermercado - pois vendia o que saciava a necessidade primária de alimentar-se - o negócio, no nosso tempo, nasce dentro do que outrora foi botica. Farmácias vendem remédios, alimentos, cosméticos e utensílios diversos. Ir à botica era sinônimo de estar doente, mas se tornou rotineiro: “Já tem cadastro em nossa rede? E o cartão, quer fazer?” Tudo para facilitar a compra, o envolvimento econômico. Farmácia se tornou mercado, “seguro”, ali na esquina.

O verdadeiro motor do capitalismo atual é o controle farmacopornográfico da subjetividade, cujos produtos são a serotonina, a testosterona, os antiácidos, a cortisona, os antibióticos, o estradiol, o álcool e o tabaco, a morfina, a insulina, a cocaína, o viagra e todo aquele complexo material-virtual que pode ajudar na produção de estados mentais e psicossomáticos de excitação, relaxamento e descarga, onipotência de controle total (PRECIADO, 2008, p. 36-37).

Produzimos com o que é vigiado, castrado, apontado, monitorado; ou produzimos por que escorregamos por entre as figuras da crise?

Então, como a relação entre as figuras subjetivas da crise – endividado, securitizado, mediatizado, representado – produz um território existencial em que o sujeito se sente

³⁸ Quando acessamos pela primeira vez qualquer rede social online, temos que aceitar esse contrato.

“em casa”³⁹? Como dentre as figuras da crise pode emergir a comunicação entre subjetividades heterogêneas? Estas, para além e aquém da representação, da dívida, da segurança e das mídias, dão passagem à constituição do plano em comum. O grupo, território existencial, afirma-se como possível dispositivo no enfrentamento da crise, dialogando com as figuras e afirmando as subjetividades heterogêneas.

A crise para Negri e Hardt (2014) está sustentada nas quatro figuras subjetivas: o endividado, o representado, o mediatizado e o securitizado. Estas não são estáticas, não representam um jogo do “onde me encaixo?”; não são grupos representativos do tipo: “eu sou uma figura endividada, você é uma figura mediatizada”. Todas elas circulam e efetivam-se em nós. Ao mesmo tempo, isso coloca em ato outros modos de nos relacionarmos exatamente pela fragilidade dessas efetivações e tentativas esgarçadas de homogeneizar os modos de viver. Há algo não capturável na constituição dos territórios, que foge capilarmente das gerências identificáveis nos indivíduos; a essas partículas móveis e intercambiantes Pelbart (2008) chama de plano comum, plano de comunicação das subjetividades heterogêneas.

Mesmo na crise ainda podemos afirmar um plano comum no qual essas subjetividades heterogêneas existem e colocam em ação redes de afetações para além e aquém dos indivíduos. E é neste contexto que se torna forte afirmar o trabalho com grupos, é como um território existencial que produz uma vida outra que venho afirmar o dispositivo grupo para o enfrentamento cotidiano da crise.

Se o cenário brasileiro nos coloca em meio a um turbilhonamento que polariza, opera por embates, produzir perguntas e instigar deslocamentos afirma em nós um campo de trabalho em psicologia.

Sem pressa, vamos seguir.

³⁹ GUATTARI, ROLNICK, 2013, p. 388.

Breve história do estudo dos grupos

3. BREVE HISTÓRIA DO ESTUDO DOS GRUPOS⁴⁰

A Psicologia, nas suas diversas formas e facetas, é estrutural e congenitamente ligada à produção de uma certa subjetividade (individualizada, intimista etc.) ou há alguma coisa chamada "Psicologia" que transcende os determinismos históricos, sociais e culturais e pode, desse modo, voltar-se contra ou libertar-se do produto de seu *modus operandi*? (DIMENSTEIN, 2000, p.100).

Dizem que somos gestados antes mesmo da fecundação. Os óvulos de nossas mães, que um dia resultaram em nós, já estavam com elas, quando fetos, nos ventres de nossas avós. Qual a importância de nos aproximar da História, se já vivíamos antes mesmo de existir? Somos conectados antes da percepção de conexão. Muitos de nós nascemos no momento do anúncio de gestação. “Estou(amos) grávida(s)”; e junto a isso vêm: medos, ansiedades, expectativas, desejos, projetos. Provocamos sensações e sentimentos, quando ainda estamos feto. Nascemos para o mundo, antes de sairmos do ventre.

Escrever com grupos é compor com o que é gestado na história da humanidade, na produção de saber das ciências humanas. A palavra grupo ganha estatuto de existência na modernidade, e isso implica produção de sentido, configuração e legitimação de um mundo, como aponta Fernández (2006, p. 18): “[...] os atos de nomeação são peças-chaves nas constituições que os atores sociais realizam para produzir suas “representações” da realidade sócio-histórica em que vivem”. O vocábulo gerado significa a relevância daquilo que foi nomeado, nas práticas sociais. Como nos conectamos a essa História? E de qual História falamos?

Já procurou saber de onde vem seu nome? Por que escolheram te nomear assim?

— Meu nome quem escolheu foi minha mãe. A partir de um livro – Doutor Jivago, que contava uma história de Amor. A personagem Lara apresentava características que ela desejava que a filha tivesse.

— O Paula veio de um grupo de jovens da Igreja Católica que meus pais participavam, eles decidiram juntos por esse nome. O Ana era

⁴⁰ Sucinto, pouco profundo, que não pretende esgotar o assunto, menos ainda abarcar todos os nomes, conceitos, escritos que compõem a vasta História. Que História é essa que vamos contar?

mãe de Maria, todas as minhas irmãs chamavam Maria. Então eu nasci para ser mãe de minhas irmãs.

Antes do nome ser seu, ele é de alguém que escolhe por nós. A história tem começo? Quem decide o seu início ou como escolhemos contá-la? Aceitamos ser ou estar no “era uma vez...”. O homem povoa o planeta para além da vida em funcionamento básico: respirar, comer, beber, dormir, procriar, excretar, proteger. Algo nos provoca outros movimentos, incomoda produzindo desejo; e, não comportando mais que o saciar momentâneo, não dando conta de tantas sensações, eis que surge a *questão*.

Aprendemos o perguntar, desde as intrigantes questões do Universo, do futuro, do passado longínquo, até as dúvidas mais corriqueiras: “*de onde viemos?*” “*Onde deixei a chave de casa?*” Aprendemos a balbuciar e, quando os sons ganham forma de palavra, a interrogação também incorpora. Como a criança aprende a gostar tanto de perguntar? A bem da verdade, não sabemos ao certo. A interrogação passou a fazer companhia ao homem, possibilitando-lhe dar forma aos vazios no encontro com o inusitado. O que pode produzir uma situação nova? Pode, quiçá, apresentar a curiosidade. A coceira da busca pelo saber. E por vezes forjamos respostas, embromamos ou as réplicas nunca vêm.

Movidos pelas perguntas, pela curiosidade, pelas histórias sem começos que nos constituem, nos interessa observar o desenho do modo como o estudo dos grupos acompanhou e acompanha o desenrolar do campo de saber Psi⁴¹. Sem a menor pretensão de esgotar ou de explorar a complexidade teórica, dialogaremos com autores da psicologia que se tornaram reconhecidos no estudo da temática. Compreender os grupos, num primeiro momento, requer percorrer os caminhos já trilhados pela psicologia do indivíduo (práticas clínicas), pela psicologia social e sociologia (fenômenos sociais).

Por um tempo a pergunta ‘quantas televisões tem em sua casa?’ Era comum, em pesquisas formais e informais. Mas, para que saber quantos televisores existem por domicílio? O que o acesso à TV representa? O debate é longo e passa pelas histórias das primeiras

⁴¹ Saber Psi ou campo Psi “está sendo tomado como um conjunto de saberes (Psicanálise, Psicologia e Psiquiatria), de práticas geradas por estes saberes e, dos profissionais que nele operam” (DIMENSTEIN, 2000).

projeções, pelo acesso ao entretenimento, informações e notícias, privacidade e compartilhamento do espaço (tem TV na sala, nos quartos, na cozinha). A TV foi, por muito, símbolo de modernidade, status. Produziu momentos coletivos.

— Na minha cidade só existiam 3 televisões. Eram muito caras na época. As casas com TV abriam as portas e janelas para que os vizinhos pudessem assistir também. Casa cheia. Era um momento de reunião da comunidade.

Hoje as TV's não mais têm a mesma representatividade. Ainda que sigam juntando pessoas.

— É melhor assistir à copa em casa, ou no bar (uma TV para todo mundo)?

Na copa, as ruas são fechadas, bares equipados com TVs que agrupam. 'Se você tem televisor em casa, por quê sair para assistir jogo no bar com televisão compartilhada?' Contraditório. O que une, o que afasta? Seguindo a lógica das perguntas, vamos modernizar para: 'quantas aparelhos de telefones móveis (celulares) têm em sua casa?'

Somos muitos estudiosos desbravando o mundo, em diversas facetas, contextos, ciências distantes, anos passados ou contemporâneos; quando alguém se propõe a revisitar a história de algum objeto científico – aquele que foi escolhido para ser investigado conforme uma metodologia embasada por teorias – se encontra com inúmeros impasses, o primeiro deles talvez seja: “como narrar a história”?

Nossos retroprojetores favoritos nesta jornada são a genealogia da Fernández (2006), as raízes em Farr (1996) e as pontuações em Osório (ZIMERMAN; OSÓRIO, 1997; OSÓRIO, 2013); com esses, traçamos conteúdos de películas pincelados de tentativas de análise.

É impossível abranger a complexidade histórica: sempre escapulirão textos, produções diversas, pesquisadores e cientistas. Comprometermo-nos a lembrar a História requer certificarmos que ela será uma, dentre tantas possibilidades: reduzida, enviesada, parcial, desobrigada de conter a revelação de uma origem. A História aqui descrita será construída a partir de “figuras, forças e atravessamentos”.

Cada estudioso foi eleito por sua importância ao longo da construção deste trabalho; somente quem esteve comigo em algum momento de minha trajetória com os grupos foi realçado, pontuando brevemente suas contribuições.

3.1 INICIEMOS OS CAUSOS. CONTAM QUE...⁴²

Na Revolução Francesa (1789), que marcou a radicalização política na França, um pensador pioneiro iniciou uma aproximação com o que viria a ser, mais tarde, objeto de estudos na Psicologia: grupos. Com ideais de “Liberdade, Igualdade, Fraternidade” (*Liberté, Egalité, Fraternité*), a Revolução, considerada o marco de passagem da Idade Moderna para a Idade Contemporânea, impulsionou questões em Gustav Le Bon (apud FARR, 1996). Uma nova maneira de arranjo social, a multidão, o povo reunido para dar voz às suas necessidades, era novidade.

“A principal contribuição da obra de Le Bon foi ter mostrado que as massas são, antes de tudo, um fenômeno social” (CAIAFFO et al. 2007, p. 25). Era a inauguração dos Governos Democráticos Modernos, acentuando novas características a uma sociedade que se reformulava em regras, valores e economia. Todavia, nada se deu do dia para a noite. Contamos em relatos secos e marcados devido ao pouco tempo hábil para delongarmos, além de escapar um pouco da proposta inicial do trabalho (possivelmente em outro momento).

Até então, o Estado não era pensado e articulado como se vê hoje. Havia relações feudais com grande influência da Igreja Católica - em todos os âmbitos da sociedade. Servidão, camponeses, senhores feudais, as grandes feiras que se transformaram em cidades; tudo isso era particular daquela época.

A população já estava insatisfeita há um tempo. Impostos, desorganização, guerras, serventia. O fortalecimento daquilo que mais tarde conheceríamos como *grupo* iniciou quando a população descontente partiu para um Levante Popular; reunido, o povo se

⁴² Para não esgotar o assunto, sugerimos uma leitura mais completa sobre os pensadores e estudiosos de grupos ver: FARR, R. M. As raízes da Psicologia Social Moderna (1872-1954). Editora Vozes. Petrópolis. 1996.

fortaleceu para a Tomada da Bastilha⁴³. Numa época em que não havia Internet, como uma reunião em massa foi possível?

Junto a essa ebulição, o movimento iluminista se fortaleceu. Foi uma mobilização cultural, filosófica, política e social, que impulsionou a divulgação de conhecimentos científicos, com a criação das Enciclopédias – livros que pretendiam reunir todos os conhecimentos científicos produzidos até então. Já pensou? Um objeto/lugar que pudesse agregar todas as ciências da Humanidade? "*Dá um Google*"⁴⁴.

Le Bon apontou para as forças das massas nas construções de novos parâmetros sociais e ratificou a importância dos movimentos sociais – que independem do tamanho dos grupos. As mudanças não cessam e os grupos também não. Para ele, as massas possuem um caráter irascível, primitivo e infantil, marcando um modo de pensar que desqualifica o público e o encontro a favor de práticas individualizadas.

A transição de regimes políticos das sociedades ocidentais acrescentou questões importantes para as Ciências Sociais. À medida que os feudos se dissolveram, os países se formaram e se tornaram independentes. Configurou-se uma ideia de fronteiras, bandeiras, hinos e o sentimento de pertencimento a uma nação; uma transição de servos a cidadãos. Sabemos que a nação é feita de gente, desejo e subjetividade; percorre caminhos, provoca encontros e passeios nas ruas, onde nos deparamos com o (im)previsível.

Paradoxalmente, na formação do conceito de povo/nação, com a construção de uma concepção de sociedade e de totalidade longínqua, há a regulação dos contatos entre as pessoas, com o objetivo de dividir e organizar o espaço de encontro, reduzindo as esferas públicas à experiência individual.

⁴³ "Indignados com as propostas de reforma, e temendo perderem seu poder e seus privilégios, o monarca e a nobreza mais conservadora tentam obstruir os trabalhos da Assembleia Constituinte. Esta tentativa gera exaltação por parte da população, que, faminta e inflamada por discursos calorosos da ala radical, saem em defesa das reformas, invadem castelos e tomam a Bastilha - prisão parisiense, símbolo do regime absolutista - em busca de armas, em 14 de julho de 1789. Encurralado, o rei é obrigado a abolir antigos direitos feudais que pesavam sobre os camponeses" Disponível em: <http://cejarij.cecierj.edu.br/pdf_mod2/Unidade02_His.pdf>. Acesso em: 12 nov. 2017.

⁴⁴ "Dá um Google": frase de campanha publicitária da Google, uma empresa de serviços online e software dos Estados Unidos. Entre os serviços disponibilizados há uma ferramenta de busca "Google Search", na qual se pretende organizar informações mundiais e torna-las de fácil acesso.

Neste sentido, Le Bon marcou conceitualmente que, apesar de estarem juntos, e a existência das massas serem imperativas nas formações sociais, esse imperativo deveria ser amplamente combatido em nome das esferas individuais que teriam suas qualidades intelectuais e emotivas reduzidas nesse contato/contágio.

Um impasse se manifesta nessa trajetória: o grupo encontra-se em sua emergência conceitual com contribuições de estudos tanto da Psicologia, quanto das Ciências Sociais⁴⁵; e para cada um desses saberes são diferentes as contribuições, os questionamentos e, claro, as partilhas noções teóricas. Não somente o campo de estudo em grupo como também a própria formação da Psicologia Social⁴⁶ é atravessada por esses impasses.

O sociólogo Gabriel Tarde (2002) é elementar neste debate. Para ele, a Sociologia se fundamenta na Psicologia, “especialmente no que concerne às multidões”, nas quais seria possível investigar as interações sociais, a partir do que ele aponta como interações das consciências⁴⁷. Seriam estas as ciências Humanas – ciência guarda-chuva que articula e integra as demais – firmando laços? Afinal, estamos “grupos” quando em sociedade e, ainda, quando individualmente. Inúmeros estudiosos se divergem nessa discussão. Fato é que contribuições surgem de pesquisas vindas dos mais diversos campos de saber.

Concordo com o autor no sentido de que os estudos em áreas diferentes podem contribuir com o profissional em meio às lacunas conceituais. Assim como o grupo aponta para a multiplicidade de vivências coletivas, múltiplas também podem ser as teorias que nos acompanham à prática.

Como peças de tangram. As formas surgem com o brincar das peças. Organiza, troca de lugar, encaixa, deixa de lado para depois ver onde fica, outras formas aparecem enquanto aquela almejada não se figura. Começa da mais simples, e vai dificultando. Mas são as

⁴⁵ Para uma leitura mais completa sobre os pensadores e estudiosos de grupos ver: FARR, R. M. **As raízes da Psicologia Social Moderna** (1872-1954). Editora Vozes. Petrópolis. 1996.

⁴⁶ Tarde é apontado como criador da expressão Psicologia Social. “Contrariamente às teses correntes em seu tempo, teses estas que encaravam a Sociologia como física social, biologia social ou ideologia social, Tarde prefere a expressão “psicologia social”, expressão esta criada por ele” (TARDE, p.22, 2002).

⁴⁷ Tarde, p. 22, 2002.

mesmas peças para todas as figuras. Como peças iguais podem formar tantas diferentes formas. Peças primárias: quadrado, triângulo, trapézio. Muda o mesmo, que muda; muda e o mesmo não é mais o mesmo. Uma sombra que é imagem, geometricamente esfacelada. Peças na caixa; o jogo dura enquanto houver jogador. Mexe com o corpo; disposto, atento. Tátil, estratégico⁴⁸.

A nação ratifica/afirma/perpetua práticas que consolidam as “verdades” para a sociedade. Espaço de reprodução do esperado, do exigido, daquilo que “deve servir para viver, para ver”; condizendo com os resultados que pretendemos obter, na ordem e no progresso de uma sociedade que segue os padrões estabelecidos. Pode a cidade ser bloqueio que afeta as “comuns circulações”? Sim, principalmente quando somos tomados pelos estranhamentos ao que nos é novo. Nos escritos de Le Bon isso ganha força ao associar as massas à irracionalidade.

Reforçando os medos que a multidão provocava, destacamos Thomas Robert Malthus (apud FARR, 1996), economista e demógrafo, conhecido por previsões catastróficas devido ao aumento populacional no mundo. Segundo ele, quanto mais gente, mais problemas.

O que você pensa quando digo “MULTIDÃO”? O que vêm à mente? Carnaval, aperto, tumulto, perda, agonia, calor, muita gente junta, revolução, preguiça, pessoas, torcida. E o que você pensa quando digo “GRUPO”? O que vêm à mente? União, pessoas, força, whatsapp, intimidade, coletivo. Vamos imprimindo nas palavras, nossas memórias, nossas experiências.

Somos limitados em nossas percepções. Interpretamos o mundo a partir do que temos em nós: experiências, informações captadas por nossos sensores fisiológicos; o que vivemos, aprendemos, o que experimentamos é armazenado pelo cérebro e aplicado para ressignificar o mundo. Nossa mente encontra formas de enquadrar o mundo a partir do que captamos. Talvez isso ajude a explicar o porquê do desencontro com a palavra multidão. Mas esse vocábulo não agrega apenas negatividades. Por exemplo, o dia 28 de dezembro de 1895 é marcado pelo nascimento do cinema comercial.

⁴⁸ Texto autoral publicado em plataforma online.

Nesse caso, a multidão pode ser vista de outra forma: para reunir pessoas a apreciarem, juntas, a Arte.

Existiriam resquícios ainda hoje do que foi escrito por Le Bon? “A multidão passa, assim, a ser considerada como uma massa anônima, sem outra função a não ser a de subverter a ordem estabelecida” (CAIAFFO et al., 2007). Qualquer semelhança, não seria mera coincidência. A história deixa vestígios. Diante de uma manifestação, quem é acionada? A polícia; mas porquê? Pelo princípio de que uma das funções legais da polícia é garantir o direito de manifestação; mas o que vemos/sentimos é a represália da polícia ao direito de manifestação.

Ao abordar a questão da força dos líderes e da sugestionabilidade das multidões, a Psicologia das multidões teria dado importantes subsídios teóricos que foram utilizados por alguns dos grandes ditadores do século XX, como é o caso de Hitler, que fazia menção à obra de Le Bon em sua autobiografia. Isso não significa que Le Bon deva ser responsabilizado pela ascensão do nazismo, mas coloca em questão a dimensão política inerente a toda construção teórica (CAIAFFO et al., 2007).

E ainda hoje se discute sobre a divulgação e o alcance dos conhecimentos fora da comunidade científica. O trabalho que afirmo junto à ferramenta oficina convoca esse debate quando propõe, como parte da aposta política, conversar com os saberes, com todos que queiram integrar estes projetos de intervenção. No capítulo 3 desbravaremos esses detalhes.

É muito conhecimento para pouco entendimento. O que saber demais nos produz? Conversas de tanta gente empenhadas em defender suas verdades; seus quinhões de certezas. “É depois que eu fiz teatro, nunca mais assisti a uma peça com o olhar de criança”. A gente aprende o tal olhar crítico... E desaprende a novidade. A descoberta está sempre distante; a curiosidade perde a graça. “O erro está ali”, “aqui, uma falha”, o apontar vira quase uma brincadeira: “Onde está Wally?”. Conhecimento, mô fio, é latifúndio; e qual a parte que te cabe?⁴⁹

⁴⁹ Texto autoral divulgado em plataforma virtual.

O Renascimento demarcou o início de uma nova era na História Ocidental. “O grupo aparece com o renascimento, momento de revalorização do homem, de reposicionamento das relações até então necessariamente intermediadas pela igreja” (BARROS, 2007, p. 78). Saindo da Idade Média, o homem passou a ser o centro do pensamento, antes ocupado exclusivamente por Deus. Falamos de séculos de modelos políticos centralizados: o poder nas mãos da Igreja, o poder nas mãos dos reis; com Le Bon falamos da descentralização pelo povo, que começou a exercer poder, o que é possível quando “o povo se une”:

A Psicologia das multidões deveria se constituir como a ciência de uma nova política, que passaria a estudar daí por diante os efeitos da sugestão como um elemento central do debate político, traduzindo, assim, as preocupações do poder político da época em encontrar um meio de impedir o esfacelamento da coesão social necessária ao bom desenvolvimento do capitalismo industrial (CAIAFFO et al., 2007).

É o triunfo das ideias liberais; e o Capitalismo sendo forjado.

Pausa para um café...

E o Brasil no cenário histórico dos meados de 1789 (Revolução e pós Revolução Francesa)? Sofremos influências diretas da Europa, afinal ainda éramos colônia de Portugal. Por aqui, as revoltas: multidões se firmavam com a Inconfidência Mineira e também provocavam pavor. As experiências grupais no Brasil, muito embora não tenhamos, neste estudo, literaturas que relatem a história, foram modos de expressão de nosso povo antes mesmo de sermos “descobertos” pelos europeus na época das grandes navegações. Por exemplo, tivemos os grupos das tribos indígenas, os quilombolas e aqueles que se reuniram em revoltas, como a da Chibata⁵⁰, a dos Alfaiates (conhecida como Conjuração Baiana⁵¹) e a de Canudos⁵² – para citar alguns.

Voltemos ao cenário eurocêntrico...

⁵⁰ Revolta da Chibata (1910). Soldados da Marinha fizeram um motim - “tumulto popular” - tomando o controle de duas embarcações atracadas no Rio de Janeiro. Insatisfeitos com as chibatadas usadas como punição, contra o racismo e as desigualdades sociais que marcavam a Marinha.

⁵¹ Revolta social de caráter popular ocorrida em 1798. O movimento, delatado, foi reprimido com violência - prisões, exílios e execuções em praças públicas - antes que a revolta se instalasse.

⁵² Confronto entre um movimento popular de fundo sócio-religioso, que teve como líder Antônio Conselheiro, e o Exército da República (1866-87). Canudos, na Bahia, viveu um massacre que culminou com a morte de mais de seis mil sertanejos.

Alguns anos depois de Le Bon, um importante expoente das Ciências Psicológicas nasceu na República Tcheca⁵³, Sigmund Freud (apud FARR, 1996), que também se aproximou dessa temática. Um de seus trabalhos mais importantes sobre agrupamentos humanos, *Psicologia de Grupo e Análise do Ego* (1921), ainda influencia toda uma geração de pesquisadores, como eu.

Na extensão de suas obras, repensou seus estudos à medida que vivenciou guerras, formação de escolas e exercitou a leitura de diversos pensadores. A Psicanálise, enquanto campo de saber, consolidou uma forma de pensar os grupos tomando a motivação inconsciente⁵⁴ da conduta humana. “Freud, em ‘Psicologia de grupo e a análise do ego’, mostrou como o comportamento da massa se caracteriza pela dissolução da identidade de cada sujeito, ocorrida pela identificação horizontal entre seus participantes e uma identificação vertical com o líder” (TELLES, 2015). Então o grupo precisaria de um líder? As características que o designam se desencontram desde o início.

Vale destacar que o objeto de estudo desta dissertação, tão amplo, que se apresenta em inúmeras ciências, pensado em diversas formas, faz-se como a escrita da pesquisadora: descontínua, produzido em solavancos à medida que se atualiza⁵⁵, de tentativas e composições analíticas.

Quando a gente tenta se encaixar...

No padrão de beleza.

No ideal de relacionamento.

No modelo de estudante exemplar.

Se o que derrama desses moldes são parte do que somos, porque as renegamos? Para que ser tudo tão igual?

O que não cabe nos modelos é o que nos faz diferentes, únicos.

Em quais padrões você se força a entrar?

⁵³ Importante ressaltar que, entre outras características, a História aqui contada enfatiza os estudiosos europeus e norte-americanos. Aspecto relevante e crítico.

⁵⁴ Freud (1915) organiza o aparelho psíquico em primeira e segunda tópica: consciente, pré-consciente e inconsciente; id, ego e superego, respectivamente. O pressuposto básico de sua teoria era que nossas motivações permanecem em sua maior parte no Inconsciente.

⁵⁵ “A atualização pertence ao virtual” (DELEUZE, 1996, p. 51).

Aprendemos que conhecer é garantia de saber; e aí, somos atravessados pela instabilidade da vida que abala as certezas não tão certas dos nossos encaixotados conhecimentos. Enquanto muitos 'normais' sofrem para manter-se no controle de uma vida estável; sob recomendações e prescrições que são potenciais prisões comportamentais: 'faça dieta', 'use camisinha', 'tenha uma dieta equilibrada'... Os 'anormais' vivem os instantes em sua inteireza e refazem seu conhecer. Achamos que o conhecimento válido é o instrumental, útil; e acabamos 'conhecendo superficialmente sobre tudo e não sabendo profundamente de nada'.⁵⁶

Freud especificou o que Tarde e Le Bon já haviam apontado: uma parte importante da história da Psicologia dos grupos que tem como objetivo a investigação dos microgrupos humanos, nos quais os indivíduos se reconhecem em suas singularidades; são grupos com objetivos compartilhados. Reconhecemos o sujeito nas e separado das massas; mas começamos a investigar o que acontece de mudança no indivíduo ao reconhecermos que ele muda quando observado no grupo.

Uma contribuição de Freud foi o entendimento de que toda psicologia individual é necessariamente uma psicologia social: o homem não prescinde de outros para formar-se homem, social. Percebe-se, assim, o guarda-chuva das Ciências Humanas se fortalecendo novamente. Ele introduz uma alteração fundamental nos estudos, ao sair dos grandes agrupamentos (diferenciando-se das massas) e apontar para o campo, ainda tímido, dos pequenos grupos (família, relacionamentos amorosos e amigos). Essa perspectiva marcou, já no início do século XX, a virada em torno do campo teórico-metodológico dos grupos: a saber, de grandes contingentes humanos (problema cada vez mais levado ao campo do combate e da dispersão) para os pequenos agrupamentos, tornados uma questão a ser trabalhada no âmbito das organizações e em termo dos ajustamentos individuais às questões sociais.

Freud tanto impulsionou os estudos nesse campo que, pouco mais tarde, Kurt Lewin (apud FARR, 1996) deu início ao campo de investigação chamado Dinâmica de Grupo. Kurt influenciou o desenvolvimento da psicologia social experimental nos

⁵⁶ Texto autoral publicado em plataforma digital.

Estados Unidos, investigando os fenômenos psicossociais e suas leis, e no estudo de métodos e técnicas para atuação em pequenos grupos. Adiante retomaremos com mais detalhes os estudos realizados por ele.

Logo, fica delineado que as ciências emergiram na Idade Antiga, houve formações grupais na passagem da Idade Média para a Moderna e, a partir de então, mais e mais de nós, perscrutaram o grupo e suas variedades: massas, multidão, população, pequenos grupos, família. Trataremos, então, das particularidades do século XX, quando as duas Grandes Guerras Mundiais ensanguentaram o mundo (1914-1918; 1939-1945) e mudaram os rumos da produção de saber.

Os campos de estudos que resistiram aos combates alteraram modos de pensar, reformulando teorias. A Primeira Grande Guerra⁵⁷ conduziu a Psicologia para desenvolver visões mais individuais sobre o homem: testes e Psicometria⁵⁸. Na Segunda Grande Guerra, houve o *boom* das novas psicologias, nas quais as práticas grupais foram consideradas como dispositivos, ferramentas, formas de intervenção. O Século XX se constituiu como modo de saber grupal: grandes produções em termos de saberes de grupo.

Lewin, influenciado pela Gestalt teoria, apontou a ideia de que os agrupamentos eram mais que a soma dos indivíduos. Vale ressaltar que Lewin foi um psicólogo que procurou refúgio nos EUA depois da ascensão de Hitler, que não se deu repentinamente. O nazismo foi gestado em anos de desestabilização depois da derrota na Primeira Grande Guerra. “O primeiro artigo de Lewin como profissional, descreve a visão de um soldado do campo de batalha entre trincheiras, na Primeira Guerra Mundial” (FARR, 1996, p. 2011). Sem almejar respostas prontas, questiono: qual a importância de estudar grupos em um cenário que esfacela desde os pequenos agrupamentos: família, igrejas, comunidades e até nações inteiras?

Na iminência do que pode vir a ser a Terceira Guerra Mundial, parte do mundo está em guerra, outra parte buscando respostas diplomáticas que apaziguem as intenções. O rearranjo de populações inteiras atinge muitos países, incluindo o Brasil, que recebe

⁵⁷ Para mais informações, ver BARBOSA, M.; MATOS, R.; MACHADO, C.; A Psicologia da Paz. Psicologia; vol.27, nº1. Lisboa, 2013. Disponível em: <<http://bit.ly/2N5B5fS>>. Acesso em: 10 dez. 2017.

⁵⁸ Campo de estudos da psicologia que se dedica à elaboração de testes para avaliação psicológica; a partir do desenvolvimento e aplicação dos conhecimentos estatísticos e outros processos matemáticos.

refugiados, principalmente os latinoamericanos. Amargo ironias para inquirir: podemos nos considerar em paz sem guerras?

Lewin foi o primeiro estudioso a utilizar o método experimental nas investigações com grupos. Trouxe à baila uma palavra característica de um estilo de coordenação grupal, até hoje objeto de estudo e foco de aprendizagem em muitas empresas que trabalham com equipes⁵⁹: liderança. As contribuições do autor passam pelas noções básicas de campo grupal, que são ampliadas até a técnica, desenvolvida por ele, da pesquisa-ação – um método qualitativo de estudos amplamente utilizado nas ciências sociais. Produzia-se então uma nova forma pesquisar, valendo-se da investigação científica e da aproximação prática com o problema investigado, o que colocou em questão alguns preceitos básicos da Ciência, como a neutralidade e a imparcialidade. Nesse formato, além de estudar o problema *in loco*, o pesquisador participa da pesquisa.

Nesse contexto, como nos esquivarmos do fato de estarmos estudando o objeto que nos atravessa, nos constitui e nos legitima como seres sociais? “O grupo e seu ambiente constituem um campo social dinâmico, cujos principais elementos são os subgrupos, os membros, os canais de comunicação, as barreiras. Modificando um elemento, pode-se modificar a estrutura” (FERNÁNDEZ, 2006, p. 66). Assim, como pesquisadora, componho campos grupais.

Em resumo, a pesquisa-ação é ao mesmo tempo uma metodologia de resolução de problemas psicossociais e uma investigação científica e teórica sobre o mesmo problema. Seu fundamento teórico é que se somos parte do problema, o grupo como um todo dinâmico do qual faço parte pode investigá-lo e propor soluções melhores do que um pesquisador isolado e externo ao grupo. Noutros termos, os sujeitos envolvidos na investigação são uma parte significativa do problema pesquisado e a sua resolução serão atravessadas pela mudança de comportamento deles na comunidade (MELO, FILHO, CHAVES, 2016, p.154).

Outros autores, embora não tenham analisado especificamente o objeto grupo, se valeram deste para ampliarem seus estudos, contribuindo para a compreensão do objeto em questão. Jean Piaget e Lev Vygotsky, por exemplo, apontaram a importância do grupo no compartilhamento de pensamentos, regras e normas sociais,

⁵⁹ Ao longo dos anos de estudos, vamos definindo e denominando as diferentes estruturas grupais. Não é tudo que pode ser caracterizado como grupo. Equipe é um termo cunhado para designar um conjunto de pessoas que se dedicam à realização de um mesmo trabalho. “Toda equipe é um grupo, mas nem todo grupo é equipe”.

no processo de socialização e aprendizagem da criança⁶⁰. Nas creches e escolas primárias, a aposta em alguns modelos de educação valida isso: ao se dividir os alunos por idade, nível de escolarização ou interesses em comum, o processo de aprendizagem passa pela reunião de pessoas.

O trabalho com grupos comparece, às vezes, como tentativa de quebra da “religião do eu”; como enfrentamento da cultura individualista sobre a qual Dimenstein (2000) nos alerta. Lugar de inclusão, de socialização, de exercício de cidadania; os psicólogos – que no senso comum são os profissionais habilitados a realizarem trabalhos grupais – encontram alguns impasses, ao mesmo tempo que há o cuidado com a cultura individualista e toda a contribuição que o saber psi⁶¹ produziu; é nesse saber que encontramos saídas dessa lógica, junto ao pensamento da grupalidade.

A saber, a cada novo pesquisador citado, reafirmamos as razões desse objeto ser urgente e atual. Estamos em um século que nos convida a pensar os grupos, atravessados pelas características do capitalismo – o consumo, o inchaço do eu, ideários individualistas – como marca do contemporâneo. E essas práticas grupais estão na mão e na contramão da cultura Psi, apontando o que Dimenstein (2000) provoca sobre a cultura profissional Psi, que desde os anos 60 no Brasil vem apostando no modelo de atuação liberal privatista, pelo qual os grupos ficam em segundo plano; mas não perdem seu lugar de importância.

E quando não encontramos a sala para atendimento/escuta individual? Seguindo todas as recomendações de privacidade, sigilo, conforto, silêncio, acolhimento? O que fazer? Como ser psicólogo nos lugares que não oferecem ‘a sala para o psicólogo’? Ser público pode ser uma questão. Atende mais de um por vez no consultório? Ou estamos falando de um modelo serializado? Psicólogo aprende “para cada paciente, uma teoria”, e quando são muitos pacientes juntos, damos contas das ‘teorias’?

⁶⁰ Muitos autores vão se dedicar a estudar e explorar o assunto dos grupos na Infância. Para mais informações ver: VOLNOVICHJ e HUGUET, C.R. (org.). **Grupos, Infância e Subjetividade**. Rio de Janeiro: Relume - Durnará, 1995.

⁶¹ Modelo hegemônico de subjetividade no campo Psi (saberes, práticas e profissionais). (DIMENSTEIN, 2000)

Eu não vejo bem essa ideia de psicologia ser grupal. Cabe o grupo no trabalho que pretende ser minucioso? Mas ao mesmo tempo, o grupo faz falar coisas que o individual não faz (falas de uma estudante de Psicologia). Quando os grupos, que nos compõem e nos afirmam como indivíduos, são segregados e escamoteados como partes seccionadas, privatizados pela ciência, pelo capital imaterial. O grupo privatizado, perde o fator público?

São pacientes? Clientes? Qual a melhor denominação? Os grupos deixam de ser parte constituinte do indivíduo para ser possibilidade de trabalho. Quando o trabalho grupal se diferencia a ponto de ser apresentado como ferramenta. Entre a produção em massa - quantos cursos de Psicologia existem? Quantos psicólogos recebem o diploma todo ano? - e o trabalho artesanal - como cada profissional passa pela formação?

Paralelamente, os estudos sobre liderança, após a Segunda Guerra Mundial, impulsionaram a palavra da vez: democracia. O contexto em que foram desenvolvidos os estudos de Lewin o fez influente junto aos teóricos da Administração e da Psicologia Industrial. Naquele período, a aposta em modelos produtivos ornava com as novas demandas. No Taylorismo, por exemplo, que consistiu na divisão do trabalho e especialização do operário em uma só tarefa, a Psicologia foi chamada a auxiliar nos ajustes necessários para otimizar a produção. Como funcionava esse arquétipo? Um produto era construído por muitos operários, agrupados em uma fábrica, trabalhando separadamente; um colava, outro apertava parafusos, outro fiscaliza. Estavam separados, mas produziam em grupo afinal; cada operário tinha seu setor e função. Saímos de um modelo artesanal para outro no qual a produção dependia que os trabalhadores estivessem juntos, respeitando os limites individuais demarcados fisicamente pelas ferramentas e olhares vigilantes dos supervisores.

A velocidade elétrica mistura as culturas da pré-história com os detritos dos mercadologistas industriais, os analfabetos com os - semiletrados e os pós-letrados. Crises de esgotamento nervoso e mental, nos mais variados graus. Constituem o resultado, bastante comum, do desarraigamento e da inundação provocada pelas novas informações e pelas novas e infindáveis estruturas informacionais (MCLUHAN, 2000, p. 30).

O modelo Fordista, também aí presente, se diferencia do sistema Taylorista por acrescentar a facilidade das máquinas. Mas, seguimos na divisão de tarefas individualmente; insistimos na necessidade de muitos operários especialistas -em que um aperta parafusos, outro passa cola, outro ajusta na caixa e cada um sabe muito daquilo que lhe cabe como função - para produzir em quantidade. A Revolução Industrial e a inclusão das máquinas no processo de produção se tornou determinante na imposição de novos provimentos. E encontramos em Elton Mayo (apud FARR, 1996) importantes reflexões sobre as relações materiais do trabalhador com os objetos por eles produzidos e os vínculos sociais dos trabalhadores entre si.

À medida que a especialização é necessária para se continuar trabalhando, vemos como as leituras desenvolvidas neste momento ainda pulsam e produzem modos de existir. Hoje a artesanaria escorre entre muitas de nossas manufaturas, ainda que massacre as exigências de produtividade e aprofundamento. Não precisamos ir longe para refletirmos sobre: graduação, técnico, pós-graduações *lato sensu* e *stricto sensu*, cursos de atualização, congressos. Topamos.

Estivemos ontem em uma roda de conversa sobre suicídio. Abrimos a roda na rua, uma calçada conhecida pelos jovens, ponto de encontro deles desde o começo do ano.

Em meio a técnicas de grupo, três homens de passagem na rua entraram para participar da roda. O primeiro chegou logo, e ficou por 5 minutos. O que ele queria ali? Falar.

E foi embora em meio a silêncios, mas pediu antes que o adicionassem no Facebook.

O segundo quase não foi visto. Chegou de moto, perguntou se podia só ficar vendo, e se despediu sem demorar.

O terceiro chegou e ficou. Falou da Natureza, gritou sobre política, falou sobre os jovens. Palavras de locutor. Convidamos ele a entrar e participar da roda; ele topou. Ficou até o final. Entre aplausos puxados por ele, intervenções diversas. Ficamos.

Interessante de ver. Enquanto falávamos sobre prevenção ao suicídio e argumentávamos que a prevenção passa pela fala e pelo ouvir, esses homens nos aparecem para nos fazer pensar o quanto estamos

ouvindo os invisíveis. Quem escuta o bêbado? O louco? O indignado político? Quem escuta o “bla bla bla” de quem a gente nem conhece? Fomos ouvidos para todos os que precisavam falar? Fomos fala para todos os que precisavam ouvir?

Os barulhos da cidade estão em nós.

*E em meio a tantos alertas sobre o individualismo, construímos uma rede; de apoio, de cuidado. Um pequeno passo nessa longa caminhada. A roda ainda está rolando... E a conversa não precisa acabar. Vamos juntos?*⁶²

Abrimos espaço para mais um estudioso, Wilfred Ruprecht Bion (apud FARR, 1996). Influenciado por Freud, sob demanda de uma sociedade que vivia o caos da guerra, Bion trabalhou para implementar dispositivos grupais no campo do hospital psiquiátrico. Para ele, o grupo é um agregado de indivíduos, essencial para a “realização da vida mental do homem”. Trabalhando com militares ingleses, fez importantes apontamentos que deram fundamentação para alguns grupos terapêuticos que conhecemos hoje, por exemplo, os Alcoólicos Anônimos (AA).

Bion dirá: ‘Na verdade, nenhum indivíduo, por mais isolado que esteja no tempo e no espaço, deve ser encarado como externo a um grupo ou não possuidor de manifestações ativas de psicologia de grupo’ (BION, 1970, apud ÁVILA, 2009, p. 156).

Similarmente, ainda reproduzimos trabalhos que se aproximam dos propostos por Bion. A partir de autores contemporâneos afirmamos que, mesmo após anos, as possibilidades de estudos sobre grupos não se encerram; elas se atualizam no curso da História. Em Afonso (2006) encontramos tipos estruturais de grupos de trabalho, entre eles o “grupo terapêutico” estudado por Bion. Para ela, grupos terapêuticos

[...] trabalham sobre os conflitos psíquicos de seus membros, considerando crenças, ideias e sentimentos, conscientes e inconscientes, visando à reflexão e mudança, estimulando a elaboração de problemas psíquicos, emocionais e relacionais, buscando promover a mudança da problemática psíquica e/ou da própria estrutura psíquica de seus membros e ajudá-los a construir formas de lidar com angústias e conflitos psíquicos e relacionais (AFONSO, 2006, p. 64).

⁶² Texto autoral, divulgado em plataforma digital, referente a uma oficina, sobre suicídio, com jovens.

E ainda complementa com dois outros grupos: psicoeducativo e operativo. O primeiro “tem por objetivo conhecer crenças, ideias e sentimentos de seus participantes visando à reflexão, adaptação e/ou mudança, e estimulando novas aprendizagens, para o enfrentamento de dada problemática” (2006, p. 60). O segundo, além de características do anterior, objetiva estimular “a operatividade, autonomia e mobilização dos participantes” (2006, p. 62). Para este último, Afonso sugere tanto o número máximo de participantes, quanto a quantidade média de encontros, pontuando que “um grupo operativo que persiste em seu trabalho em comum pode, com o tempo, reivindicar tornar-se um grupo de terapia, uma associação, ou... algum grupo com vínculos duradouros” (2006, p. 64).

Após a Segunda Guerra (1939-1945), os contextos sociais experimentaram a dinâmica cada vez mais intensa da Globalização. Nessa circunstância, já se podia delinear características da Terceira Revolução Industrial – a Tecnológica, na gestação do sujeito contemporâneo. McLuhan nos auxilia a pensar sobre o “que constitui a essência da tecnologia da automação. Ela é integral e descentralizadora, em profundidade, assim como a máquina era fragmentária, centralizadora e superficial na estruturação das relações humanas” (2000, p. 20-21). E ouvimos os burburinhos de preocupação: “acessa a internet e perde a noção de tempo”, “fica só no celular e não interage mais”; incômodos de quem desconfia de que nesta era haverá o esfacelamento das relações sociais, o afirmamos no início desse texto.

Falar em Ocidente até certo período implicava olhar para a Europa. O eurocentrismo foi marcado inclusive nos planos de ensino de “História Geral”. Somente em 2003⁶³ passou a fazer parte do currículo comum o ensino da História da África. No século XX, houve a inclusão dos EUA no cenário mundial. Urbanização crescente, alteração nos modos de vida; crescimento das cidades, protecionismo⁶⁴. O fortalecimento do Capitalismo em sua principal característica: consumismo. Crise de 29⁶⁵.

⁶³ A Lei nº 10.639/2003 acrescentou à Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) dois artigos: estabelecendo o ensino sobre cultura e história afro-brasileiras e especifica que o ensino deve privilegiar o estudo da história da África, além de incluir no calendário escolar o Dia Nacional da Consciência Negra, comemorado em 20 de novembro.

⁶⁴ Sistema de proteção do Estado, “concretizado em leis que proíbem ou inibem a importação de determinados produtos, por meio da taxação de produtos estrangeiros”.

⁶⁵ Período de recessão econômica que assolou os EUA e alterou a economia mundial; já vemos aqui como a Globalização acontece. A crise terminou com a Segunda Guerra Mundial.

Por conseguinte, o capitalismo se configurou como política mundial. Houve valorização dos espaços privados em detrimento dos públicos. Das sutilezas destacadas por Phillipe Ariès (1978), podemos entender como as mudanças acentuaram os modos de vida modernos. Ariès apresentou, por exemplo, a trajetória do banheiro que, outrora no quintal (banheiro externo), adentrou a casa (banheiro social) e depois o quarto (banheiro privativo). Uma privatização um tanto sutil dos atos cotidianos. E grupo nesse cenário? Fez-se privado ou público? O que ele privatiza, o que ele publiciza? Como se constitui um fazer fronteiro?

Um primeiro destaque é que no trabalho grupal estabelecem-se conexões não apenas entre pessoas diferentes, como também entre modos de existencialização diferentes. Isto cria um vasto campo de confrontos, de interrogações, que se propagam criando fossos onde antes estava cimentado. Muitos diriam que isto não é exclusivo de um grupo e que não há garantias que isso possa aí se dar. É verdade. Mas é verdade também que as falas portadoras de cristalizações, os afetos congelados em territórios fechados, quando acionados pelo dispositivo grupal se veem na adjacência de uma inquietação podendo, se intensificados, se deslocar do lugar naturalizado a que estavam remetidas (BARROS, 2007, p.102).

Dois pesquisadores nos ajudam a pensar esses momentos: Levy Moreno (apud FARR, 1996) e Pichon-Riviere (apud FARR, 1996). O primeiro nos apresentou a “teoria dos papéis”, uma ideia de que somos forjados por possibilidades identificatórias - ao criar minha história, quantos e como posso assumir papéis sociais? Mulher, filha, psicóloga, pesquisadora, pedestre, consumidora. Com o “teatro da espontaneidade” essa teoria ganhou consistência, para mais tarde firmar o Psicodrama, método que, entre outras coisas, trabalha com as relações interpessoais. O segundo, estruturou a “teoria dos vínculos” e o grupo operativo – já descrito brevemente a partir de Afonso (2006). O processo de nucleação da família também apareceu como marca na análise da construção da ideia de grupos enquanto pequenos agrupamentos.

Nesse viés, segundo Osório (2013, p. 18),

[...] a psicologia grupal tem como objetivo de estudo os microsistemas humanos, entendendo-se por tais todos aqueles em que os indivíduos possam reconhecer em sua singularidade (ou perceberem uns aos outros como seres distintos e com suas respectivas identidades psicológicas), mantendo ações interativas na busca de objetivos compartilhados.

Destacamos que, em um primeiro momento, este capítulo seria um repositório de memórias de leituras que serviriam de suporte para a autora, deixando,

posteriormente, de ser apenas uma busca pela origem. A partir de alguns conceitos, procuramos descortinar “o corpo, visceral, cru, vivo”, apoderados naquilo que cabe, que escapa, que cessa, que movimenta. Seria necessário elegermos esse jeito de contar? O fato é que foi importante chegar até este ponto, pois foi apostando na genealogia que passamos a entender os lugares comuns.

Quantas mulheres há nos cursos de Psicologia? Quantas pesquisadoras? ‘E quando acaba a guerra? A cozinha, a casa, os filhos, as roupas, o marido, e a depressão’⁶⁶. A produção feminina no campo dos grupos e nas produções sobre oficinas, onde estão? Criamos a minissaia, queimamos os sutiãs. Criamos a primeira clínica de controle de natalidade (Margareth Sanger, em 1916). Descontrole é gozar. Onde estão as mulheres? Nós estamos operando com esses conceitos.

Dimenstein, Afonso, Janaina, Fernandez, Maria Amélia, Lara?

Diante de tantas composições, o que fazemos com isso? “O caminho da aprendizagem, portanto, não é um acúmulo de saber a respeito de nós mesmos, e sim uma jornada de esvaziamento e desconstrução das prisões que produzimos em nossas vidas” (CÉSAR, 2008; p. 30-31).

O início da era espacial. Bomba atômica, “armas químicas e poemas, aonde leva essa loucura”⁶⁷. Morre-se pela nação. Não morre um, morrem vários. Mata-se em nome dela também, não uma, mas várias. Cria-se a Organização das Nações Unidas (ONU) em 1945. Continuamos perscrutando os grupos, que podem ter esse modo individualista tão arraigado. Nem sempre o grupo é coletivo. Entendemos que, sendo um modo, um ideário, é passível de modificação; os modos individualistas que aparecem e reforçam algumas “práticas psi” podem ser repensados quando a aposta está no coletivo, na grupalidade. Há um incômodo para a abertura de uma prática coletiva.

O surgimento desse vocábulo (grupo) inscreve-se no complexo processo de transformações tanto das formas de sociabilidade, das práticas sociais e das subjetividades, como de novas figurações que os atores sociais darão às

⁶⁶ Frase retirada do documentário “Nós que aqui estamos, por vós esperamos”. Referência ao final.

⁶⁷ Alusão à música “armas químicas e poemas” da banda Engenheiros do Hawaii.

“representações” que constroem do mundo em que vivem (FERNÁNDEZ, 2006, p.25).

E os coletivos seguem firmes, expansivos e mais intensos. Maio de 68, na França, foi marcado por manifestações que se tornaram uma greve geral. Surgiu, a partir de então, uma importante linha de pensamento, a Análise Institucional, estudada por René Lourau (apud FARR, 1996) e George Lapassade (apud FARR, 1996), que analisaram as relações entre grupos que poderiam ser consonantes com a estrutura de poder ou reativos, emergidos de acontecimentos desencadeadores de crise. Outros nomes se destacaram nessa nova Psicologia, como Deleuze e Guattari:

[...] consideramos que a principal contribuição na obra de Deleuze e Guattari para o trabalho com os grupos é a teorização acerca do dispositivo, em que se compreende que o dispositivo agencia processos de saber, poder e subjetivação e possui uma tetralência. No eixo horizontal, de um lado, o agenciamento de corpos e afetos, e do outro, os agenciamentos coletivos de enunciação, discursivos. Já no eixo vertical, os lados territoriais, que provêm enquadramento, continência e base ao processo e os picos de desterritorialização, que se referem aos processos de produção de linhas de fuga, da diferença e de transformação, fomentando assim manifestações do inconsciente (HUR, 2012, p. 24).

Desafios após a década de 60. Como esta, diferentes psicologias desenham-se e as anteriores vestiram outras roupagens, como a nova onda comportamental alvoreceu, individualizando o que Woodstock, em 1969, escancarava. O desenho do grupo que é, para nós, um campo de práticas, ecoa. Aproximamo-nos de César (2008) no sentido de que “a grupalidade pode se constituir como uma aposta na leveza para se lidar com o peso do mundo, já que pode comportar, em tempos de individualização, a experimentação de uma dimensão coletiva própria das linhas (p. 32)”.

Outros autores contemporâneos apontam caminhos, evocando inclusive um conceito contemporâneo: o comum. Peter Pál Pelbart, Toni Negri, Giorgio Agamben, Paolo Virno, Jean-Luc Nancy, Maurice Blanchot são alguns. “Seria preciso agora pensar a questão do comum, tão importante quando se considera um grupo, uma sociedade, um conjunto humano” (Pelbart, 2008). Vamos aproximá-lo de nossos fazeres.

Os grupos nos parecem então uma boa oportunidade para experimentar a feitura de nós mesmos na direção do outro, uma boa ocasião para vivermos outras relações, uma boa prática para compreendermos que o que quer que façamos de nós mesmos depende da construção conjunta que fazemos com o outro. O que fazemos de nós é ainda uma aposta no que podemos fazer juntos (CÉSAR, 2008, p. 16).

Uma aposta no que podemos fazer juntos, nas análises e composições que podemos tracejar realçando dimensões públicas, coletivas, dimensões heterogêneas de um plano comum. Tentativas de escapes, rachaduras, ranhuras, solavancos nos moldes privados, “nas religiões do eu”, nas individualidades envelopadas e sufocadas de si, reivindicatórias de segurança, consumo, frágeis conexões e representação.

Interessa-nos operar em um plano de existência sensível, com a pergunta, e mesmo com a angústia do deslocamento dos territórios existenciais conhecidos e gastos, importa-nos investir em problemas e conexões.

Esse esboço conceitual apresentado no capítulo intentou delinear contribuições teóricas e metodológicas do conceito de grupo, inclinando-nos a olhar para a produção de saber em suas conexões e em seus efeitos históricos.

Deste modo, nos fortalecemos nos caminhos em que nos embrenhamos na Psicologia e nos efeitos de nossas práticas e trejeitos de habitar a mundo. Importa-nos uma Psicologia em que a formação não atenda aos anseios das figuras subjetivas da crise. Sabemos que não será fora delas também que nossas práticas se produzirão e se efetivarão. Interessa-nos estudar e operar com grupos, em suas experimentações inquietas. É com isto que seguimos para o próximo capítulo.

— Já tentou ensinar o tal do ouvido clínico numa aula expositiva?

— É nos primeiros períodos que uma questão surge: ‘quando é que a gente vai começar a estudar Psicologia mesmo?’

— Mas, de qual Psicologia vocês falam? Não acham que estamos já estudando?

— A gente quer essas coisas de percepções clínicas, quase ‘coisa de vidente’, aquilo de olhar para a pessoa e fazer uma leitura do que ela é.

Oficinar como verbo

“O meu nome é Severino, como não tenho outro de pia. Como há muitos Severinos, que é santo de romaria, deram então de me chamar Severino de Maria; como há muitos Severinos com mães chamadas Maria, fiquei sendo o da Maria do finado Zacarias. Mas isso ainda diz pouco: há muitos na freguesia, por causa de um coronel que se chamou Zacarias e que foi o mais antigo senhor desta sesmaria. Como então dizer quem falo ora a Vossas Senhorias? Vejamos: é o Severino da Maria do Zacarias, lá da serra da Costela, limites da Paraíba. Mas isso ainda diz pouco: se ao menos mais cinco havia com nome de Severino filhos de tantas Marias mulheres de outros tantos, já finados, Zacarias, vivendo na mesma serra magra e ossuda em que eu vivia. Somos muitos Severinos iguais em tudo na vida: na mesma cabeça grande que a custo é que se equilibra, no mesmo ventre crescido sobre as mesmas pernas finas e iguais também porque o sangue, que usamos tem pouca tinta. E se somos Severinos iguais em tudo na vida, morremos de morte igual, mesma morte Severina: que é a morte de que se morre de velhice antes dos trinta, de emboscada antes dos vinte de fome um pouco por dia (de fraqueza e de doença é que a morte Severina ataca em qualquer idade, e até gente não nascida). Somos muitos Severinos iguais em tudo e na sina: a de abrandar estas pedras suando-se muito em cima, a de tentar despertar terra sempre mais extinta, a de querer arrancar alguns roçado da cinza. Mas, para que me conheçam melhor Vossas Senhorias e melhor possam seguir a história de minha vida, passo a ser o Severino que em vossa presença emigra” (Morte e Vida Severina).

4. OFICINAR COMO VERBO

Um indispensável demorar-se: marcar a singularidade dos acontecimentos, longe de toda finalidade monótona; espreitá-los lá onde menos se os esperava e naquilo que é tido como não possuindo história – os sentimentos, o amor, a consciência, os instintos (FOUCAULT, 1979, p.15).

Como conceber esta escrita mais próxima do tema e da prática que a fizeram emergir? Quis que as palavras se movimentassem, mudassem de lugar. A produção do presente texto é coletiva, trabalhada por muitas mãos que escreveram e corrigiram, por dezenas de olhos que leram e provocaram análises, dezenas de corpos que despertaram em mim desejos de pesquisadora. Compusemos memórias, aquecemos para então efetuar alianças, conexões.

Acreditamos que não há como escaparmos das redes e por isso a estratégia é a de constituirmos outras redes: redes quentes (...) sintonizadas com a vida, redes autopoiéticas. Redes públicas que envolvem a dimensão coletiva da existência e que estão comprometidas em processos de produção de subjetividades não dominadas pelo pânico, pela dívida, pela depressão. Este é o compromisso clínico-político que nos anima (PASSOS, 2000, p. 9).

Na tentativa de aproximação com o tema “grupos”, amplo e múltiplo como afirmado nos capítulos anteriores, pinço a prática do fazer oficinas, denominada neste texto de Oficinar. Afirmamos a Oficina como metodologia de intervenção em grupo. Como quando falamos “ferramentas de busca”, do que falamos? Do Google? De um dicionário? Dos objetos utilizados por detetives? Todas são ferramentas de busca. Cada uma em suas diferenças, cumprindo a função de buscar. E se digo “oficinas”, de qual especificamente falo?

Poderia ser mais um manual de como preparar, organizar e realizar um trabalho em grupo. Poderia ser um guia de técnicas ou um livreto com exemplos de oficinas. Algo que pudesse ser usado para a condução de atividades em grupos, ou que fosse somente uma vitrine de ideias. Sabe-se de antemão, assim como quando nos munimos de técnicas para o trabalho em um grupo, que as rotas orientadas por manuais e guias são apenas pistas e sinais de como proceder. O oficinar se faz na emergência do vivente, do processual, o que não quer dizer que a preparação e os ensejos do trabalho sejam dispensáveis; sabemos das mudanças inevitáveis das rotas. Trabalho com grupos não requer essa tecnicidade – técnica se inventa.

Primeiro passo para um trabalho com oficinas: se nos prendermos à técnica, podemos nos desfazer de importantes fios de condução.

Acho graça quando procuram no cérebro – topo da montanha humana – no qual as conexões da memória residem. Memória não habita cérebro, memória está na pele. E se seguirmos a técnica, usarmos as máquinas para mapear? Peritos insuficientes.⁶⁸

Memória está na pele. Pele que atíça a vida. Que guarda, aprende, provoca. Pele que sente, cuida e faz perpetuar.

Se aquilo, que está na pele-memória tem nome ou interpretação, pouco importa. E quer saber? Melhor não enquadrar o que ultrapassa qualquer signo linguístico.

Está na pele.

É realçado neste texto que meu campo de pesquisa é minha trajetória junto às oficinas. Durante a graduação, participei do Projeto de Extensão “Oficinas de Sexualidade e Prevenção às DST/HIV/Aids”⁶⁹, idealizado e coordenado pela professora Dr.^a Maria Amélia Lobato Portugal. Foram três anos e meio estudando e praticando o que viria a ser meio campo de atuação profissional depois de formada. Estudar a Psicologia pelo viés grupal me trouxe até aqui. O que eu aprendi e exercitei com as oficinas ampliou em mim a dimensão clínica; e oficiar consiste em um fazer clínico. Em que sentido? No exercício de escuta, na presença da fala, na assiduidade de corpo, no comparecimento de gente, com cheiros, gestos e gostos. Nesta dissertação, afirmo uma dimensão necessariamente clínica das Oficinas, como ferramenta terapêutica mesmo.

O que convida a olhar a situação de forma não naturalizada? O que escapa do momento que produz outra atenção? Outro ouvido? Outro olhar? Acompanhar processos como aposta de desbravar a novidade

⁶⁸ Texto autoral, com adaptações, publicado em plataforma virtual.

⁶⁹ Desde 1995 está registrado na Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal do Espírito Santo. O primeiro local de atuação foi o CEUNES (Centro Universitário Norte do Espírito Santo/UFES), em São Mateus. Permanecendo por quatro anos. O projeto foi interrompido em dois períodos (1997-1998 e 1999-2003). No segundo semestre de 2004 o projeto foi reiniciado incluindo em sua aposta metodológica a “Educação pelos Pares”. Desde 2005 o projeto oferta pelo menos um grupo por semestre.

nos lugares assentados como conhecidos. Antes os filósofos, as pessoas que praticavam meditação, as pessoas que tinham uma experiência espiritual, elas se convidavam a se reposicionar por uma opção religiosa, política, ética, espiritual. Hoje as mudanças sociais tão importantes e impactantes pulam com aos discursos nas salas de aula, nos horários dos telejornais, nas músicas tocada nos bares. Inclusive para pessoas que nunca se fizeram esse convite, elas são o tempo inteiro obrigadas a se deparar com esse convite. Se antes eu me resguardava em minha redoma de vidro, círculos de amigos iguais a mim, escolas condizentes com minhas percepções de vida, conversar com pessoas que pensem como eu; esses tais “temas exóticos” não atravessam minhas barreiras. Hoje com a internet e o caos que a gente vive repensando esses conceitos, não é mais possível a redoma. As pessoas se deparam com assuntos, com o enfrentamento da mudança o tempo inteiro. Não necessariamente isso vai fazer mudar as pessoas, mas elas vão se encontrar com essas mudanças e esses assuntos o tempo inteiro, o embate é diário, o silenciamento se reduz.

Estaricineira se confunde, na graduação e hoje, entre os vários conceitos que me ocupam/habitam: ora aluna, ora estudante, mulher, filha, nascida no final dos anos 80 (sim, esses fios me temperam). Meu corpo, habituado, respondia com padrões conhecidos, mas sempre me deparava com necessidades de reformular. Ser estudante não é sericineira; não supre toda a imensidão de acontecimentos que chacoalham meu corpo para a ressignificação. Ser mulher provoca em mim reverberações diversas em falas-flechas de pontas cegas. “A mão que bate dói”. Afirmo a oficina como atividade/exercício de sensibilização.

Como se produz aicineira?

Pausa.

Produz-se da prática constante, entre técnicas e tudo o que escapa delas; o corpoicineiro faz-se praticante, pelo improvisado, pela criatividade, por questionamentos. Corpo que provoca. O efeito das oficinas é fazer com que as pessoas possam exercitar o pensar, o interrogar-se, que se sintam instigadas a sair do seu lugar –

qualquer que seja. Provocar é o objetivo e o que elas instigam são os efeitos. Assim, esse corpo não se pratica sozinho. Essa escrita visa mais a orientar percursos juntos do que a receitar ações. Nesse sentido, “vamos ver o que está acontecendo?”

O desafio de encontros que provoquem aproximações; “beliscadamente” evitar ser fast food social. Na esteira de produções profissionais que regulamenta funções e orienta diretrizes para o trabalho, onde se encaixa a proposta de que o trabalho do psicólogo é um trabalho de miudeza? Ou aprende-se na maré de acontecimentos que sucedem a conquista do diploma? Qual o espaço para as miudezas?

Trago no corpo diálogos entre técnicas, regados por leituras de artigos, revistas, rádios, TVs, novelas e livros. Um corpo que ensaia preparação, mas afirma que sempre somos deslocados para além do previsível. É imprescindível a aproximação com as ciências, mídias, músicas, poesias e arte. É essencial exercitar o mundo. Conhecer e reconhecer caminhos (já) percorridos para vislumbrar os novos; com essa aposta seguimos. Este texto é atravessado por pequenas crônicas criadas a partir dos trabalhos com oficinas que realizamos em 2017 e 2018, em diferentes âmbitos: graduação de Psicologia na Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), salas de aula do Instituto Federal do Espírito Santo (Ifes) e cursinho pré-vestibular na Bahia; são escritas que compuseram as muitas lacunas apresentadas no estudo.

Existe um arcabouço teórico que contribui para rastrear práticas que escapam às formulações conceituais. Parece contraditório, mas, em anos de pesquisa e aplicação, deparei-me com muitas lacunas na teoria, ora preenchidas, observadas, desviadas, ora construídas. São essas aberturas que permitem e legitimam uma prática expansiva e criativa. A Oficina também está em escritos, mas não somente neles; ainda que existam produções que apresentem questões metodológicas, afirmamos que a prática passa pela efetivação do coletivo.

Busco nas leituras, informações; e na prática, afirmação política de estar no mundo (neste sentido, o estudo também consiste em uma atividade). O campo é muito mais amplo que os conceitos, teorias e textos produzidos até o momento; o que favorece nesta trajetória é o próprio processo de análise sobre a minha prática. Diante disso, apontarei conceitualmente, ao longo deste último capítulo, o que contribui em minha

formação profissional, indicando como cada leitura me auxilia e demarcando como a prática escapa.

Versaremos aproximações dos estudos com crônicas escritas a partir de relatos de experiência das práticas que me constroem pesquisadora-oficineira. Mas, afinal, o que é oficina?

A oficina já havia começado há cerca de 40 minutos. Esquentando os corpos, ouvindo burburinhos, tateando junto.

Qual tema seria solicitado ali para nos tirar do lugar?

Levanta plaquinha. Cruza braço. Faz piada.

Um levanta a mão aqui.

Tudo segue tranquilo.

Outro levanta lá.

- Essa frase é a letra de uma música?

- Que música é essa?

- Nunca ouvi.

Entre trechos de músicas e transcrições de falas.

Veio a frase. Uma frase, muitos incômodos. Começa a fila para falar.

Quem fala primeiro? A inquietação toma conta.

O que era só uma frase, impulsionou o debate. Uns discordam, outros concordam, alguns não entendem porque tanto alvoroço. Um choro, relatos pessoais.

Aqui estava a resposta àquela pergunta. O assunto disparador aparece.

Agora era tempo, manejo e espaço de fala.

A Oficina configura-se como um modo de intervenção, organização e enfrentamento de problemas colocados pelos grupos. Consiste em ferramenta de trabalho. Com efeito, nem todo grupo é oficina, nem toda oficina constitui um grupo. É metodologia de intervenção em grupo, “um trabalho estruturado, independentemente do número de encontros, sendo focalizado em torno de uma questão central que o grupo se propõe a elaborar, em um contexto social” (AFONSO, 2006, p. 9). Mas, não prescinde de grupos, estes podem surgir a partir de uma oficina, ou a oficina pode ser

disparadora da formação de um novo grupo, como em um rizoma⁷⁰, no qual uma linha quando puxada traz outra, que está conectada a outras. Oficina é linha que compõe uma rede grupal complexa. Compõem-se oficinas *com*.

A partir da etimologia do termo Oficina podemos pensar sobre a produção dessa prática, tão ampla e diversa como as várias origens e formações encontradas em nossas pesquisas. Vem do Latim *facere*⁷¹, “com o corpo, com as mãos, artesanato, ofício”. É ação que se legitima em sua feitura. Ela tem como matéria-prima o corpo e suas expressões; o que amplia a possibilidade de construção em espaços com pouco ou nenhum recurso material. Como na artesanaria, é trabalho minucioso, que não se sustenta na quantidade, mas por si só. Como todo ofício manual, fabrica peças únicas, ainda que parecidas; e como produzir teoria quando afirmamos essas construções como únicas? Eis o nosso desafio.

Oficina é lugar de trabalho, de “botar a mão na massa”⁷², de intervenção. Como toda ação se aprende no movimento – o pesquisar aprende pesquisando; ler se exercita lendo; andar se desenvolve andando – Oficinar torna-se verbo. Ação que pode ser conjugada, pode dobrar-se e efetivar-se em flexões. Um fazer que visa produzir a desestabilização de pensamentos e ideias. Mas para quê? Ou, porquê? Como? Retomaremos essa questão com mais serenidade.

Segundo Tallemberg (2005), a etimologia da palavra Oficina vem de ofício - do latim ‘*officium*’ - e expressa dever, em que o modo de fazer, além de transmitido artesanalmente de uns aos outros, tem sentido de experiência partilhada. As oficinas visam atuar na produção de conhecimento coletivo. Afonso (2006) complementa essa ideia: “estruturada de maneira a incluir momentos de sensibilização, de informação e

⁷⁰ Conceito desenvolvido por Deleuze e Guattari (1995). “O rizoma nele mesmo tem formas muito diversas, desde sua extensão superficial ramificada em todos os sentidos até suas concreções em bulbos e tubérculos” (1995, p. 14); e segue, “um rizoma não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas, inter-ser, intermezzo. A árvore é filiação, mas o rizoma é aliança, unicamente aliança. A árvore impõe o verbo “ser”, mas o rizoma tem como tecido a conjunção “e... e... e...” Há nesta conjunção força suficiente para sacudir e desenraizar o verbo ser” (1995, p. 4). Para mais informações ver: DELEUZE, G.; GUATTARI, F.; **Mil platôs** - capitalismo e esquizofrenia. Rio de Janeiro : Ed. 34, 1995.

⁷¹ Disponível em: <<http://bit.ly/2MfZnP3>> e <<http://bit.ly/2x1DkXy>>. Acesso em: 5 jul. 2016.

⁷² Expressão popular que significa “colocar algo em ação”.

de elaboração, a Oficina trabalha com a associação da informação com a experiência de cada participante” (p. 9).

Façamos uma analogia: falar sobre grupo é como nos referirmos à sexualidade e ao sexo; “sexualidade” é uma rede extensa, robusta, composta, densa, fiada, entre outras linhas, com a “linha sexo” – um fio dessa rede que tem muitos fios. “Grupo” é uma rede extensa e densa que carrega, em sua composição, a linha “oficina”. O sexo dialoga com a sexualidade numa relação rizomática; assim é com a rede grupo e linha oficina. As oficinas se fazem em meio à complexidade da rede grupo.

Visando atuar na produção coletiva de conhecimento que se desloque dos especialismos ou lugares gastos, em uma sociedade na qual a educação passa pela hierarquização e fragmentação do saber, é ousado e necessário afirmarmos a eliminação da arrogância profissional e a ideia de que esta é responsável por transmitir o conhecimento aos ignorantes. Entendemos que o ser profissional é formado pelo e se compõem em meio coletivo.

Requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço (LARROSA, 2002, p. 24).

Se possuímos um problema físico de saúde recorremos a um médico especialista. Mas, e quando passamos a entregar todo o conhecimento nas mãos de terceiros ao ponto de não detectarmos sinais de adoecimento/de saúde em nós? O conhecimento do nosso corpo passa por especialistas em saúde e por máquinas, e muitas vezes não conseguimos nos atentar para nosso próprio corpo. A fragmentação da ciência que nos acompanha em todo o percurso educacional produz o desconhecimento sobre o corpo, o que nos coloca como objetos da investigação e não como parceiros, que se autoconhecendo, auxiliariam no conhecimento dos especialistas nas decisões sobre o cuidado com a saúde.

Às vezes o lugar (ou não-lugar) de oficinaira passa pela montagem de um personagem. Num grupo composto por “pessoas de jaleco”, cheias de informações e conhecimentos sobre determinada área, eu-oficineira me vestia de pessoa que não sabe quase nada, fazendo

perguntas “óbvias” ou mesmo perguntas que provocavam nos “jalecos” o deslocamento do lugar de saber para um lugar de pessoa que tem dificuldades de estruturar uma conversa para além do âmbito técnico. De que adianta saber a importância do uso do preservativo, saber a forma certa de usá-lo, se no dia a dia o que pega é a dificuldade de negociação para o uso do mesmo na relação sexual?

Na verdade, me vestir de personagem não é uma aleatoriedade, é técnica de grupo. É forma de mexer com os lugares estabelecidos, com as falas prontas, com o lugar já assentado que a ciência tem na vida das pessoas. De que adianta saber tudo sobre uma determinada enfermidade, remédio, diagnóstico se o que pega no dia a dia é aquilo que dificilmente consta nas prescrições científicas, que é a convivência, as questões familiares, psicológicas, os hábitos e preferências nem sempre saudáveis. Isso se aplica em múltiplos momentos: como modificar a alimentação de alguém com alguma enfermidade? Só o conhecimento sobre a enfermidade é fator suficiente para mudança de hábitos?

O oficinairo tem algumas funções que o atravessam nessa proposta metodológica, mas, ao mesmo tempo, tem uma função absolutamente mutável, flexível, que tenta se encontrar ao máximo com a diversidade. A oficina não é lugar de ensino, é lugar de construção de outros conhecimentos. O oficinairo é potencializador de encontro, um catalisador – na química, catalisador é o elemento usado para “acelerar” o processo - de conversas, pode ele ser elemento diferencial na consolidação da intervenção.

A escrita sem prática apresenta lacunas, da mesma forma que a prática sem leituras é escorregadia. E como é difícil escrever sobre o que e como trabalhamos! Detalhes escapam e, às vezes, as palavras não abarcam. Propomos pensar novas formas de intervir, das palavras que flexionam, que são moldadas para melhor expressar acontecimentos. Uma classe de palavras se apresenta parceira, indica processos e ações; e se conjuga em tempo, pessoa, número, modo, voz, aspecto. Verbo. Esta escrita teve como desafio se aproximar dos verbos que a acompanharam em seu

processo de feitura. Pesquisar, ler, exercer, pensar, escrever, oficiar, apagar, reescrever. Se a grupalidade é um campo de análise, a oficina se propõe como um espaço de intervenção. Como se age em meio aos princípios de grupalidade na proposição, condução e feitura das oficinas?

Seja qual for o tema que motive as discussões em roda, as ideias se apresentam nos mais diferentes formatos. Frases polidas no “politicamente correto”, opiniões duras, vivências relatadas que aproximam as experiências de vida e dão direção aos debates. Realizamos uma oficina em uma instituição de ensino médio e técnico, tendo como tema norteador “Gênero”. O pedido surge quando, no dia a dia da instituição, atitudes violentas ganham tom de normalidade e vão tomando espaço nas carteiras, nas paredes dos banheiros, nas relações hierárquicas entre alunos, professores, funcionários. Uma instituição habitada majoritariamente por homens. Desde inferências quanto à beleza feminina não combinar com a maquinaria industrial, até a dúvida quanto à capacidade de a mulher saber fazer uma conta matemática tão eficiente como um homem. Frases que marcam o cotidiano das mulheres que resistem. Não é difícil encontrar pensamentos violentos em outros espaços temáticos, para além do “gênero”. Pense em um tema; tente lembrar conversas que já teve, ou que já ouviu; agora reflita, o quanto de violência existe nessas conversas lembradas? Outra oficina. Agora, sobre “Orientação profissional” com grupo de jovens pré-vestibulandos. A roda foi composta por frases que esmagavam planos, violentando e silenciando vontades. As escolhas, calibradas por perspectivas de futuros, afuniladas em direção ao “sucesso e dinheiro”. Entre tantos jovens, falas violentas ajudavam a ceifar possibilidades de vida. A arte, por exemplo, foi considerada, em um primeiro momento, especificamente como possibilidade de descontração, dificilmente pensada como uma aposta de carreira. Tocar violão, desenhar, atuar, ganhavam status de lazer, enquanto tentavam descobrir a qualquer custo o dom para as “carreiras de

futuro”, para eles a Medicina e as Engenharias. Essas Oficinas se estenderam, com o mesmo grupo, ao longo de seis semanas.

A cada nova Oficina, seja qual for o tema, deparo-me com uma questão: não se transformam pensamentos somente pela implementação de leis, normas, regras, vigilâncias. A conversa, a desmitificação de ideias, o desenrolar de opiniões é também caminho possível para a mudança. É ali, em roda, trazendo as falas, às vezes tão comuns aos ouvidos que somente o convite a destrinchá-las, esmiuçá-las pode provocar o estranhamento. Leis em nossa sociedade que resguardam, por exemplo, as mulheres dos machismos diários, são necessárias e importantes, mas não são garantia de mudança. Muitas vezes pensamentos que matam – racismos, preconceitos - não deixam de existir, apenas mudam a forma de se apresentar socialmente, mas seguem matando. Daí a urgência de afirmar um trabalho como esse das Oficinas. Trabalho de miudeza, de provocar inflexões tomando como ponto de partida as produções grupais.

A amplidão de conceitos, direcionamentos, significados e fazeres apontados no início desta redação marca as possibilidades de pesquisa. Entretanto, alguns autores realçados mais detalhadamente discorreram sobre o que abarca o fazer da intervenção oficina. Respostas que não pretendem encerrar o assunto, mas sim despertar novos fazeres; consolidar laços de aprendizagem que sustentem a confiança no convite à experimentação.

A preparação/planejamento da Oficina envolve possíveis que se ampliam na *condução*, e ganham mais expansão no encontro. Como assim? Pense comigo, é como nos preparar para uma viagem à Lua, em que muitos conhecimentos já existentes dão um mínimo de segurança para a viagem acontecer; mas, quem embarca sabe que o universo é ainda um mistério para os cientistas; assim, o que os viajantes podem encontrar no caminho, é imprevisível. Ainda assim, não há ida para o espaço, sem preparação.

E hoje, em que o termo “oficina” está designando as mais diversas propostas de trabalhos? O que nem sempre aplica uma metodologia de oficina carrega esse nome

por uma questão mercadológica. Vende. Quando emprego o vocábulo oficina para intitular um assunto, vendo a ideia porque as pessoas gostam. Em um primeiro momento, uma oficina abrange intervenção psicossocial; assim sendo, roda de conversa, palestra e aula também podem ser entendidas como oficinas, já que também são intervenções psicossociais? Não. As oficinas se valem de metodologias encontradas em outras propostas. E o que são essas metodologias? Segundo (2006, p. 67), tratam-se de práticas que perpassam o uso da informação e da reflexão, trabalhando com significados afetivos e vivenciais. Sobre isso, Bilbao (2008) nos sugere:

Olharmos para o que de fato acontece no encontro humano, deixando para um segundo plano os conceitos e a lente através da qual estamos habituados a olhar os fenômenos. Esse desprendimento requer certa capacidade do pesquisador para tolerar a incerteza do desconhecido. (...) A necessidade de revermos nossas práticas constantemente, questionando o que está posto e tentando não só abarcar o fenômeno de maneira mais ampla do ponto de vista científico e metodológico, mas também tornando nossas práticas mais adequadas a uma realidade que requer manejos diferenciados, mantendo o movimento da ciência e acompanhando o movimento da própria vida (p. 176).

Apostamos que estar em grupo movimenta o corpo/psiquê⁷³. Daquilo que vi e escutei, carrego sensações. E como partilhar destas experiências, se não por meio do registro? A escrita é meio de extravaso daquilo que se sente. O que seria desta pesquisa se não fosse o que vi, escutei e vivi? Desde modo, não é a mão que escreve, é um corpo recheado de memórias afetivas, que pulsam por extravasar em palavras. Faz parte da metodologia das oficinas “sempre facilitar a sensibilização, a comunicação e a ressignificação pelos participantes de suas experiências e dos conhecimentos novos que vão sendo trazidos para o grupo” (AFONSO, 2006, p. 261). Encontramo-nos com os mais diversos referenciais quando nos dispomos a realizar oficinas. Podemos apostar no conceito de autonomia sustentado por Freire (1996), que fala de uma prática “centrada em experiências estimuladoras da decisão e da responsabilidade, vale dizer, em experiências respeitadas da liberdade” (p. 41), assim como podemos apostar no lúdico, que é considerado “traço essencial da

⁷³ Afirmamos a inseparabilidade corpo/psique em Spinoza “proposição 2. Nem o corpo pode determinar a mente a pensar, nem a mente determinar o corpo ao movimento ou ao repouso, ou a qualquer outro estado” (2009, p. 100-101). Spinoza afirma “a mente como ideia do corpo e, consequentemente, como ideia das afecções do corpo e como ideia de si mesma” (SILVA, 2011, p.24).

psicofisiologia do comportamento humano”. Por sua vez, Brito (2002) versa sobre a “alegria/lúdico, presente no ato de buscar conhecimento, transforma-se no convívio social numa das formas mais humanizantes e autênticas de resistência à negação do homem pelo homem, no momento em que direciona à não-acomodação, ao não se habituar, ao não sucumbir às agruras da vida”.

São todos esses suportes metodológicos que auxiliam no trabalho. A intervenção oficina independe do uso que é feito desses e de outros conceitos. Tudo que segue essa lógica são apoios teóricos para essas intervenções que se pretendem únicas. Assim, podemos tentar desenvolver a mesma oficina duas vezes, mas ela não será a mesma, pois não há reprodução no trabalho junto a essa prática; uma mesma técnica aplicada em grupos diferentes faz-se nova.

A proposta era acolher. Juntar meninos que vêm de outras cidades para estudar, e conversar sobre essa nova experiência: desafios, desejos, liberdades. Entre algumas técnicas e rodas de discussão; colocamos no centro da sala - sem que os participantes vissem - duas mesas dispostas de forma não usual, e algumas almofadas emaranhadas. Seguimos o encontro como se nada estivesse diferente. Inquietados com o fim da oficina e a não explicação daquela “arte contemporânea”, começaram as perguntas: “o que é isso aí no meio?”, “você não vão falar?”, “por que isso está aí?”. Fisgados pela curiosidade e mobilizados pela atenção incitamos provocações:

— *Vocês não sabem o que é isso? Nem imaginam? Não é possível. (Desafiamos).*

— *Ah, sei lá. Não parece nada. Mas se está aí é porque é alguma coisa. (Disseram).*

— *Vamos dar dois minutos para vocês pensarem um pouco. Deve ser o cansaço pra vocês não conseguirem saber o que é. (Instigamos).*

Mais empolgados pelo desafio, começou o burburinho: “isso tá parecendo arte moderna”, “não, tá parecendo o desenho que tem ali no corredor”, “ah, isso tá com cara de ser uma reflexão sobre o Tempo”, “ou um reflexão sobre nossas formas de estudar”.

Seguimos: “O tempo está acabando, já acharam resposta?” Alguns levantaram, rodaram a “obra”, mexeram a cabeça para tentar enxergar de outro ângulo.

— E? Tchan tchan tchaaaaan...

(Pedimos: “E que rufem os tambores” - reproduzido ao som dos pés batendo no chão).

— Não é nada.

— Como assim nada?

Nada. Tinha que ser alguma coisa? Quanto tempo despendemos atenções a “nadas”? Quanto tempo passamos intrigados? A gente tanto quer que seja alguma coisa, que nos obrigamos a olhar, olhar de novo, e mais uma vez olhamos, para acharmos resposta a inquietações inventadas. Não era para ser “nada”, mas passa a ser algo quando nos envolvemos inquietados com o desafio. A mais quantos “nadas” estamos insistimos em dar sentidos?

As técnicas de grupo que nos acompanham nos trabalhos têm uma função: fazer as pessoas se mobilizarem em torno do que acontece. E se falamos de grupos diferentes, afirmamos mobilizações diferentes. Apostamos na metodologia participativa como pensada por Vieira e Volquind (2002, p. 20), que apontam esta como princípio que “avança do mero falar recapitulativo/receptivo, para um fazer produtivo”.

As metodologias de trabalho que caracterizam a ferramenta oficina também pedem por atualizações? Mas só atualizamos algo quando temos um antigo como parâmetro. É como no celular: só atualizamos um aplicativo, quando já o temos baixado no aparelho. Qual o “antigo” das oficinas que pede por atualização? Ensaíamos respostas a cada novo trabalho.

De onde vem a paciência para ouvir os absurdos (racismos, homofobias, machismos) que se apresentam em falas nas oficinas? Vem dos privilégios sociais que, em mim, não produziram ouvidos feridos, nem corpo machucado. Vem do lugar cis, hetero, branco, classe média que circulo. Quem tem corpo violentado, nas múltiplas violências, tem pressa de mudança, tem dureza de resposta, tem contragolpe rápido aprendido pelas lutas que travou ao longo da

vida. Quem sente dor, não quer nela se demorar. Eu pouco senti dor, ou quase nenhuma senti. Meu ouvido, meu corpo, hoje suporta ouvir o que muitos já ouviram e ainda ouvem, para poder transformar.

Mas meu ouvido (e todo o restante) acolhe somente aquele vociferar que pode ser modificado, deslocado. Escolhi não acolher vozes inflexíveis; nessas deixo que sintam o eco morrer. Aprendi com os anos em oficinas que muitas vozes violentas se esfacelam quando encontram outros pensamentos no diálogo; muitas se refazem e reaprendem novas maneiras de viver. Outras se firmam e surdam, não se abrem para o diálogo e seguem matando. As vozes violentas podem habitar bocas que ainda não se encontraram com palavras diferentes das que são por elas pronunciadas. E muitas dessas vozes, nas oficinas, mudam, deixando de violentar, ao longo do processo. Quero ouvir sons violentos que, esgarçados pelo encontro, possam refiar outras malhas, outras formas de ver a vida. Neles se encontra a potência da transformação, o reconhecer que os ecos que matam vão, aos poucos, diminuindo.

Sempre haverá formação de grupos nas Oficinas? Talvez essa não seja a questão; independente de formá-los ou não, fato é que estes – que nos compõem – emergem no trabalho, por meio de falas e posturas; estando ou não em equipes, trabalharemos com elas. Somos atravessados por ajuntamentos: família, igreja, amigos, time de futebol, vizinhos; os grupos que nos atravessam em nosso dia a dia surgem mesclados naquilo que nos constitui. Os preconceitos, tabus, valores, opiniões, comportamentos, aprendidos, observados, a partir dos que passaram por nós em algum momento de nossas vidas emergem quando estamos em grupos.

O que eu aprendi e exercitei com as oficinas ampliou em mim a dimensão clínica. Acontecem, na intervenção oficina, caminhadas, não as técnicas corporais que cito aqui, mas jornadas em sentido simbólico, considerando os percursos traçados na construção dos diálogos, trajetos de problematizações que carregam falas que pinçam aspectos sociais, históricos e culturais.

Enfatizamos em nosso exercício profissional a Oficina como espaço de formação do psicólogo. Concordamos com Lancetti quando sugere as práticas que “têm a marca da ousadia, da invenção e de uma potência de transformação francamente terapêutica” (2008, p. 23); é neste sentido que o trabalho com Oficinas tem se afirmado como espaço clínico.

Propor essa intervenção pressupõe analisar um fazer *psi* para além do conceito tradicional de psicoterapia – no qual o clínico é “debruçar-se” sobre – escarafunchando os saberes produzidos. Oficina é *Klinamen*, “desvio e potência de geração de mundos (...) curto-circuito nas repetições presas a territórios identitários ocupados com seus próprios impasses” (BENEDETTI, 2007, p. 22).

Um estágio-docência no mestrado vivenciado em um estágio obrigatório da graduação. Tema gerador: (produção de oficinas) a preparação de coordenadores para trabalhos em grupos. Nos preparamos para realizar trabalhos em grupos ao longo do estágio, e descobrimos que o grupo já existia desde o começo. Éramos nós o grupo que tanto estudávamos. As oficinas? Cada supervisão. Por um tempo, ensaiamos a preparação de futuras oficinas que seriam coordenadas pelos estagiários. Dei conta de que estávamos em oficinas que pensavam sobre oficinas. Como uma metalinguagem. Equilibrados entre a dimensão educativa e a dimensão clínica.

Partimos do princípio trabalhado por Zimerman e Osório de que “todo indivíduo é um grupo” (1997, p. 27) para afirmar que este prescinde da quantidade de pessoas para ser composto. E ainda recorremos a um diálogo entre Gilles Deleuze e Michel Foucault, no texto “Os intelectuais e o poder” (1979): “Quem fala e age? Sempre uma multiplicidade, mesmo que seja na pessoa que fala e age. Nós somos todos pequenos grupos” (p. 42).

Assim como na Clínica peripatética, que “provém de peripatêô: passear, ir e vir conversando” (LANCENTTI, 2008, p. 15). A ampliação da clínica encontra-se nas práxis do psicólogo, e não na sua função ou local de trabalho. Assumimos mais uma aposta metodológica na produção de oficinas: dialógica⁷⁴, que se caracteriza por abrir espaço para ouvir as trajetórias linguísticas; é a clínica praticada pelo/em movimento.

⁷⁴ Aprendizagem dialógica é um conceito que “parte de teorias que propõem a transformação social em diferentes áreas de conhecimento”. Valendo da concepção trabalhada por Freire em *Pedagogia da Autonomia* (1996) sobre o de diálogo. Para maiores informações ver: Rodrigues, E. S. P.; Marigo, A. C.; Giroto, V. C. *Práticas pedagógicas dialógicas: aposta na melhoria da qualidade do ensino e da aprendizagem*. Campinas, 2012.

A *Klínica* trata de provocar rupturas e bifurcações nos modos de vida, pela criação de novos territórios existenciais. Do grego *Klinamen* e não *Klinikos*. *Klinikos* ou *Klínes* concernem ao leito, ao repouso ou ao ato de inclinar-se, dobrar-se sobre um enfermo (BENEDETTI, 2007, p, 19).

Como lidamos com o sofrimento, a angústia, e todos os sentimentos, emoções, afetos que nos acompanham? Apostamos nas oficinas como intervenção que toca nestas dimensões. Dizer que a doença do século é a depressão ou mesmo afirmar que os profissionais da saúde mental serão os mais requisitados nas próximas décadas é um chamado social. Se para alguns “que bom, assim nossos consultórios ficarão cheios”⁷⁵, para nós essa é uma questão ética. Spinoza (2009) aponta que os afetos podem aumentar ou diminuir a potência: “a tristeza diminui ou refreia a potência de agir do homem, isto é, o esforço pelo qual o homem se esforça por perseverar em seu ser.”

Como começa uma oficina? Começa na disponibilidade do encontro. Sentada em frente ao computador do trabalho, entram três rapazes para ver seus desempenhos nos simulados modelo ENEM realizados na semana anterior. Um encontro, pontual; e, a princípio, com um objetivo só; se transforma em uma longa e animada conversa de 2 horas. Aos sentarem para verem as notas, puxo assunto sobre como eles estão. Entre os comentários de brincadeira, vou me aproximando; qual a dica para saber que nossa conversa iria desenrolar? Eles ficam. Eles não faziam menção para irem embora; era o atestado para mim, que bastava seguir juntos que eles ficariam. Pessoas que se encontram e que vão ficando. Por que ficam? É muito específico; o que importa é que ficam. Nossa conversa foi da nota que eles haviam tirado, passando pelo curso escolhido, engenharia civil; finalizada na calcinha fio dental. Sim. Calcinha fio dental. Como você chegaram nisso? Pelas conexões que fizemos. Nada dizia, no início tímido impulsionado por um comportamento comum no

⁷⁵ História de uma professora amiga que ouviu esse comentário de uma aluna em sala de aula.

cursinho - ver as notas -, que nossa conversa tomaria esses rumos. Não estava pré-estabelecido que esse seria o caminho tomado. Mas ele aconteceu. E aconteceu fiado por bocas que falavam e ouvidos que juntos iam produzindo liga e fazendo-nos ficar.

O que saiu desse encontro? Um tema de redação? Um plano para mudar o planeta? Saiu um momento de conversa agradável que nos proporcionou olhar para nós com outros olhos. É interessante encontrar com esses 8 meninos (a conversa começou com 3 e o grupo foi aumentando à medida que os olhos curiosos observavam nossa conversa e sentiam vontade de chegar perto) depois, nos corredores, e observar como eles expressam nosso encontro de 2 horinhas com olhares de confiança e sorrisos de canto de boca.

O que comumente se faz quando se ouve “quero dinheiro para poder ter uma mulher”? Muito se agita, e as lições, imposições, o politicamente correto é passado com maestria. Qual a diferença quando a gente suporta ouvir e faz quem falou ouvir a mesma fala com os ouvidos da indignação? Se dizem que é ‘mimimi’, é porque não faz sentido ler uma cartilha de bons ensinamentos sociais. O processo de mudança de opinião passa por ouvir nossas próprias opiniões com ouvidos diferentes. Enquanto a boca repete o mesmo, o ouvido vai se atentando e se incomodando. A gente fere o outro com palavras, e só vamos repensar essas palavras que ferem quando houver estranhamento em nós.

À tarde, nesse mesmo dia. Numa sala apertada. Movidos pela curiosidade do que havia acontecido pela manhã. Dessa vez, tudo começou com a cueca fio dental e a presença estremecedora de um professor de matemática que chega e fica. Eles só saem, porque eu tomo a postura de convidá-los a voltarem para a obrigação de assistir à aula, antes que eu fosse demitida por justa causa.

“Essa conversa valeu mais que muita aula que assistimos nesse ano”. “Deveria ter um Zênite altas horas, pra gente poder perguntar sobre tudo”. Eles ainda não entenderam que as perguntas são feitas por eles, e por eles mesmo respondidas.

A oficina pra mim começa com uma pergunta. Oficina pra mim é como se pergunta. Isto me lembra Clarice Lispector, em A descoberta do mundo. Oficina é conexão. Oficina que pergunta, e não se conecta à resposta.

Eu, sou a que menos fala. Minha função? Eles acreditam que eu sou a detentora do saber, eu finjo ser pra que eles confiem na potência do encontro. Eles estão acostumados com alguém que sabe passar pra os que não sabem; se eu mostro pra eles que eles é que sabem e estão trocando entre si, podem perder a graça. Porque o saber nunca está no par. Estranho ne?

A educação vazia é essa, da sala de aula, que você é só um espectador que aprende conteúdos que talvez um dia façam sentido; uma educação que não se atenta aos usos do conhecer. Quando falo “a gente fere o outro com palavras, e só vamos repensar essas palavras que ferem quando houver estranhamento em nós” é porque acredito que a educação deve nos provocar estranhamento, questionamentos, inquietações. A educação é aquilo que nos atravessa. E se classifico uma educação como vazia, é uma tentativa irônica de afirmar que na verdade se há vazio não há educação. Chamo de vazio isso que às vezes é cheio em nós, conhecimento reproduzido, como as repetições de gestos de Chaplin na fábrica. Repete, repete, repete, até o movimento ser acoplado ao seu corpo; um movimento que não era seu, que não fazia sentido se perpetuar em você, mas passa a ser seu e fazer parte do que agora é ser você. E quando perguntamos sobre o ar eles não sabem ao certo por onde responder; mas você quer saber o que especificamente sobre o ar? A composição química? A importância biológica? A mecânica helicóptero? Por que não conseguem simplesmente falar. Não há por onde começar, não há resposta certa. Assim fizemos com nossa conversa que inicia na Engenharia Civil e termina na calcinha fio dental (e só termina por falta de tempo). Deixamos divagar sobre os assuntos que surgiam, atentos a eles por simplesmente terem surgido. Sem rota, sem direção. Sem lógica calculista externa que pudesse castrar as possibilidades de mudar de

assunto, com sintonia; produzimos as conversas de doidos. E saímos. Saímos rindo, um pouco assustados com o que acabava de acontecer, uma conversa livre. Em um lugar inusitado, dentro de uma escola; com uma psicóloga e estudantes pré-vestibulandos. As amarras dialógicas que nos apreendem; e no contemporâneo essas amarras nos fazem tropeçar em nossos sociais.

No capítulo anterior, discorremos sobre a contribuição de Afonso (2006), que determina três diferentes formas de trabalho em grupo, e que nos ajudou a encontrar características do veio a ser nossa aposta no trabalho junto às Oficinas. Entretanto, ressaltamos de antemão que não há enquadre exclusivo em nenhum dos tipos de grupos trabalhados por ela. Pelo contrário, reconhecemos complementaridade na mistura. Em que afinal se configura essa proposta tomando direcionamento fundamentado nela? Definida a partir de uma metodologia dialógica, aposta em “estimular que as expressões individuais e coletivas sejam via de debates e reflexões, explorando tabus, preconceitos e verdades naturalizadas” (ROSARIO, SAMPAIO, PORTUGAL, 2016, p. 4). O diálogo “implica em um pensar crítico”.

Apostamos na metodologia sociopsicoeducativa sustentada no que Afonso (2006) legitima como “grupo socioeducativo” ou “grupo psicoeducativo”, objetivando aumentar o nível de reflexão acerca dos assuntos trabalhados, elegendo o aspecto educativo como fundamental na estruturação da proposta. Também colhemos ideias dos “grupos operativos” quando sugerem como essencial à proposta a “elaboração de significados, sentimentos e relações”. Nos “grupos terapia” a ênfase está nos aspectos psíquicos – que dialogam com o que defendemos anteriormente sobre clínica: “A educação depois da catástrofe teria um papel como política e como autocrítica. Por meio dela as pessoas poderiam investigar a formação da própria subjetividade perguntando-se como se tornaram quem elas são” (TIBURI, 2015).

A oficina pode ganhar a leveza das “conversas de mesa de bar”. A descontração do lugar, que pode fazer emergir conteúdos diversos; é convite para revermos os espaços acadêmicos como únicos possíveis de produção de pensamento. A mesa de bar é lugar de piadas, de prosas íntimas; de senso comum, de falar por falar, ouvir músicas da moda que às vezes tratam dos cotidianos. Uma oficina, quando se pretende “mesa

de bar”, se abre para a descontração, para falas não censuradas. Diálogos que adentram as rodas e afloram produções. Na nudez do que diz, na crueza da opinião.

Mesa redonda, corpos mastigados pela espera de mais uma tarde de grupo/oficina. “Venho para cá me perguntando, e hoje? O que vai rolar? (risos de desconfiança)”. O convite para viver os momentos como únicos, na intensidade do “aqui e agora”, é distante da realidade que nos chama à preparação, ao treino, ao alongamento, para o que vem pela frente. Que corpo é esse que pede aquecimento? Como motores no frio. O questionamento não ronda em torno da preparação, mas em torno de prescrições. Psicólogo, como montar sua sala de atendimento? Como se vestir adequadamente? O que fazer quando não souber como agir durante uma sessão?

Ouvi aquelas frases. Vibrava “o que vocês querem saber de nós?” Frases que um dia saíram de minha boca e procuravam respostas prontas – que, devo dizer, não me satisfizeram. Como muitas vezes vivenciei sentada assistindo às aulas, repostas prontas, formulários e manuais que facilitavam a vida do profissional “psi”. Talvez eu não tivesse a dimensão do que é tê-los como bengalas. Qual a utilidade de uma bengala quando saltamos de um abismo? Na clínica, manuais podem ser o impulso para ação, mas eles se restringem ao momento do impulso, o que segue a isso só pulando para encontrar.

O sentimento que senti transbordar é o “não saber”. Não sabemos como agir. Não sabemos o que fazer quando ouvimos o insuportável. E todas aquelas aulas sobre criação não extravasam em movimentos, ficam soltas como palavras bonitas que ouvimos, mas não sabemos o significado. Como experimentar as clínicas? Se o convite para vivê-las é desfazer-se de manuais. Um livro que te marcou; já leu um livro que mexeu com você de uma forma única? Ou música que te tocou de uma forma diferente? Muitas vezes não conseguimos expressar o que esse livro/música fez conosco, e sugerimos que o outro leia/escute. Entretanto, o retorno nem sempre é igual. O livro/música às vezes não mexe tanto.

— “Não achei nada demais”.

— “Como assim? Esse livro/música é fantástico(a). Olha essa parte. Presta atenção”.

Na clínica às vezes é assim. Com uma diferença. Aquilo que toca o outro, pode não nos tocar como tocou o outro, mas será por nós ouvido, aproximado, respeitado. Saio incomodada com a incredulidade daquelas cabeças acerca da própria profissão. Habito incredulidades ali também. E por isso me pergunto o que falha para que as incredulidades ganhem impulsos de movimentos na profissão. De uma pergunta curta, “você faz terapia? Ou pretendem fazer?” Surgiu um velho conhecido rio, que já nadei e hoje aprendi a velejar quando preciso passar por ele. Rio onde correm marasmos; nódoas de aprisionamento, “eu só quero mostrar isso aqui, e lá vão me dizer muito além do que quero mostrar”, “vai me apontar coisas que eu não quero ver”, “não acredito muito nisso, não acho que a Psicologia seja só clínica”, “eu fui arte e lá me cercearam no círculo familiar”, “eu respeito, mas não acho que seja algo que aconteça”. Falas de graduações finais em formação. Quais caminhos temos escolhido para percorrer ao longo da graduação em Psicologia?

Sentir no próprio corpo o convite de habitar o grupo por diferentes “ângulos”. Recolocação de lugares e não lugares (oficinar é habitar o entre) que são interessantes de serem vividos, do lugar de reformulação. Em meio ao ofício de analista, exercito ser analisando; antes de ser professor, sou aluno; antes de ser oficinairo, sou oficinaando. Convido à roda Kastrup (2007) que nos provoca quando sugere que inventamos um mundo, quando também inventamos a nós, e vice-versa.

As práticas grupais, como apostamos, “têm como objetivo incitar processos psíquicos, afetivos, sociais, políticos” (HUR, VIANA; 2016) com fins de transformação.

Se me perguntassem - e esta é a interrogação que me faço cotidianamente - como se prepara uma oficina, talvez respondesse provisoriamente assim:

A oficina começa comigo matutando, juntando informações – qual o assunto? Por que falar sobre isso? Para quem, qual público? Quantas pessoas? O que querem quando propõem ser oficinas? O trabalho pode ser substituído por uma palestra, uma roda de conversa? O que

entendem que seja a intervenção oficina? É um processo de investigação entre a curiosidade e a coleta de dados que só ganharão status de importância ou não ao longo do processo.

A triagem – o que fica, o que não fica, o que melhor se aproveita, o que nem passou pelo crivo – é feita durante o acontecimento. Trabalhar com oficinas é trabalhar com possibilidades, ensaio de aproximação com a demanda, o público. Entrelinhas que vão compor leituras e que poderão vir à superfície quando a oficina estiver acontecendo. “Tudo pode ser usado a favor do trabalho”.

Uma música, um livro, um meme, um texto. Uma conversa aleatória. Por onde podemos nos conectar? Como somos fisgados/envolvidos pelos assuntos que fazem a intervenção ganhar contorno? Como nos contos de Sir Arthur Conan Doyle⁷⁶, nos quais cada detalhe – que às vezes passam despercebidos - podem compor cenas, (des)encadear lógicas.

Depois das “informações iniciais”, com elas em stand by passo ao segundo momento da preparação que é relembrar textos, trabalhos já realizados; além de novas pesquisas bibliográficas. Nesse momento a coleta de informações não se resume ao assunto da oficina. Todo e qualquer conteúdo (seja acadêmico, científico, artístico, etc.) pode ser analítico. Se encerrarmos em menores possibilidades a chance de nós, oficineiros, não nos conectarmos com o grupo – sempre múltiplo, diverso – é grande.

Estamos justamente discutindo o lugar de saber do especialista logo; é esperado que haja formação/construção/consolidação do grupo, contando o oficineiro como participante do grupo; ele deve se esforçar para conectar-se ao grupo. Correndo o risco de, nesse manejo, firmar uma relação vertical que esfacela as possibilidades de grupalidade. Ainda que sejamos nós, os oficineiros, a “estudar,

76 Escritor e médico britânico, nascido na Escócia, famoso por criar as histórias sobre o detetive Sherlock Holmes.

formular” a oficina, ainda que sejamos nós a pensar as técnicas; e assim, a dedicação e cautela no manejo é imprescindível.

Por falar em técnica, esta é sempre aberta à modificação, adaptável, maleável. Técnicas são criadas. O diferencial do profissional psi é contar com o viés clínico nesse processo criativo. Entre o que passa pelo nosso arcabouço teórico e por nossas percepções clínicas – pura análise. O que produzimos e acessamos com a intervenção oficina é grupalidade. Se a proposta é trabalhar em grupo ele tem que ser grupo. E grupo não se dá pela imposição verticalizada. É em meio, é em meio ao plano comum. Vai e faz.

Em aberto

5. EM ABERTO

De algum lugar entre Vitória da Conquista e Vitória do Espírito Santo, nos idos de 2016 a 2018, a dissertação começou como na preparação de uma oficina. Juntamos leituras, informações, impressões. Por dois anos nos organizamos para este momento. Nunca temos preparo suficiente – o que seria suficiente? Já que a Vida não se esgota. Mas o dia chega, a hora chega, o limite dos prazos e eis aqui.

Arranjos e rearranjos. Como a escrita ainda é fissurada - porque ela não abarca o que se vive - fomos construindo conceitualmente o que são grupos e, aos poucos, alcançamos o entorno de oficina, que se faz ora tremulante, e pede que façamos.

Oficinar é fazer. Conceito que se aprende na prática. É experimentar.

Em anos – desde 2011 - de trabalho junto à intervenção encontramos ressoares, ecos longínquos e imprevisibilidades. Aceitei lançar-me ao movimento de produção entre a angustiante estática linguística e as vibrações instáveis propulsoras; entre a letra e o movimento.

Muitas possibilidades de novos estudos fizeram-se ao longo desses dois anos e se afirmam agora que encerramos, em tempo, aqui.

O que fica em aberto? Em aberto,

como as estradas e seus atalhos,

s-o-l-a-v-a-n-c-o-s

esburacadas, curvilíneas,

entre as retas, setas,

em aberto encontra-se

um OFICINAR.

CATAPULTA

Fui lançada e ainda, em pleno voo, equilibrando entre emoções de insegurança – cadê o chão –, adrenérgicas; momentos de contemplação e alguma paresia.

Uso e abuso em ações; é com ousadia que insisto.

A gente nasce e surgem as expectativas para que a gente aprenda a mamar. “Fez a pega direito?”

O tempo passa e as expectativas ampliam, mas mudam. Já aprendeu a falar “mamãe” e “papai”? Aprendeu a andar? Já escreve?

Na escola, “que as notas sejam boas”, “e que você passe de ano”.

E, que seja aprovado no vestibular.

UFA!

Finalmente somos aprovados. Chupamundo. Nada mais a exigir...

Bora curtir...

E aí, já formou?

Vai começar uma pós-graduação?

Já está trabalhando?

Namorando?

Casou?

Vai viajar? Para a Europa?

E os filhos?

Comprou a casa própria? E o carro?

...

Chega. Já deu.

Por hoje, é isto.

REFERÊNCIAS

- AFONSO, M. L. M. (org.); **Oficinas em dinâmica de grupo**: um método de intervenção psicossocial. São Paulo: Casa do psicólogo, 2006.
- ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- ÁVILA, L. A.. O Eu é plural: grupos: a perspectiva psicanalítica. **Revista Vínculo**, São Paulo, Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto, v.6, n.1, jun. 2009.
- BARBOSA, M.; Matos, R.; MACHADO, C.; A Psicologia da Paz. **Psicologia**: vol. 27, nº1. Lisboa, 2013. Disponível em: <<http://bit.ly/2MJIBOD>>. Acesso em: 10 fev. 2018.
- BARROS, R. B. Institucionalismo e dispositivo grupal. In: Rodrigues, H. B. C.; Altoé, S. **Saúde e Loucura. Análise Institucional**, n. 8, 2004, p. 65-78.
- BARROS, R. D. B de. **Grupo**: a afirmação de um simulacro. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2007.
- BENEDETTI, S. C. G. **Entre a educação e o plano de pensamento de Deleuze e Guattari**: uma vida... Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2007.
- BILBAO, G. G. L. **Oficina de pintura**: um estudo fenomenológico sobre uma prática psicológica. Tese (Doutorado em Psicologia). Pontifícia Universidade Católica, Campinas, 2008. Disponível em: <<http://bit.ly/2N9xRaz>>. Acesso em: 12 jul. 2016.
- BOTOMÉ, S. P. **Serviço à população ou submissão ao poder**: o exercício do controle na intervenção social do psicólogo. Estudos de Psicologia (UFRN), 1, 1996, p. 173-202.
- BRITO, M. de. Sobre a alegria e o lúdico na função docente. **Linhas críticas**, Brasília: UNB, v.8, n.14, jan/jun 2002.

CAIAFFO, S.; SILVA, R. N. da; MACERATA, I.; Pilz, C. Da multidão-massa à multidão-potência: contribuições ao estudo da multidão para a Psicologia Social. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**; v. 59, n. 1, 2007.

CAPRA, F. **A teia da Vida**. São Paulo: Cultrix, 1996.

Cesar, J. M. **Processos grupais e o plano impessoal**: a grupalidade fora *no* grupo. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Programa de Pos-graduação em Psicologia. Universidade Federal Fluminense. Niterói, Rio de Janeiro, 2008.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia**. Rio de Janeiro : Ed. 34, 1995.

DELEUZE, G. O atual e o virtual. In: DELEUZE, G. PARNET, C. **Dialogues**. Paris: Flammarion, 1996. Disponível em: <<http://bit.ly/2x9LGLT>>. Acesso em: 15 nov. 2017.

DIMENSTEIN, M. A cultura profissional do psicólogo e o ideário individualista/ implicações para a prática no campo da assistência pública à saúde. **Estudos Psicol.** Natal, UFRN. v. 5. nº1, jan/jun, 2000, p. 95-121.

FARIA, L. A. E. O valor do conceito de hegemonia para as relações internacionais. **Austral**: Revista Brasileira de Estratégia e Relações Internacionais, v.2, n.3, Jan-Jul 2013, p. 209-232.

FARR, R. M. **As raízes da Psicologia Social Moderna (1872-1954)**. Petrópolis: Editora Vozes, 1996.

FERNANDÉZ, A. M. **O campo grupal**. Notas para uma genealogia. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FOUCAULT, Michel; **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Editora Graal, 1979.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 25ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREUD, S. Psicologia de grupo e a análise do ego (1921). In: **Além do Princípio de prazer**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 77-154.

GALEANO, E. **Las palabras andantes**. Argentina: catálogos, 2001. Disponível em: <<http://bit.ly/2Mptgwo>>. Acesso em: 10 out. 2017.

GUATTARI, F; ROLNICK, S. **Micropolítica**: Cartografias do desejo. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005/2013.

GIL, A.C.O Psicólogo e sua ideologia. **Psicologia, Ciência e Profissão**, 5 (1), 1985, p. 13-17.

HUR, D. U. O dispositivo de grupo na esquizoanálise: tetravalência e esquizodrama. **Vínculo – Revista do NESME**, 2012, v.9, n. 1, p. 18-26.

HUR, D. U.; VIANA, D. A.; Práticas grupais na esquizoanálise: cartografia, oficina e esquizodrama. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**. Rio de Janeiro, 2016.

KASTRUP, V. **A invenção de si e do mundo**: uma introdução do tempo e do coletivo no estudo da cognição. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

LANCETTI, A. **Clínica Peripatética**. São Paulo: Hucitec, 2008.

LARROSA, Jorge B. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Universidade de Barcelona, Espanha. Tradução de João Wanderley Geraldi. Jan/fev/mar/abr 2002 nº 19. **Revista Brasileira de Educação**. p. 20-28. Disponível em: <<http://bit.ly/2p1zTLV>>. Acesso em: 10 out. 2017.

MARTÍN-BARÓ, I.N. O papel do Psicólogo. **Estudos de Psicologia** (Natal), 2, 1997, p. 7-27.

MCLUHAN, M. **Os meios de comunicação com extensões do homem**. São Paulo: Editora Cultrix, 2000.

MELLO, J. C de. **Morte e Vida Severina**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.

MELO, E. de; FILHO, O. N. M; CHAVES, H. V. Lewin e a pesquisa-ação: gênese, aplicação e finalidade. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 28, n. 1, p. 153-159, jan-abr. 2016.

NEGRI, A. **O comum como modo de produção**. Evento “Diálogos com Antonio Negri” na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH/USP) em outubro de 2016. Disponível em: <<http://bit.ly/2Cu5IXF>>. Acesso em: 10 fev. 2018.

NEGRI, A; Hardt, M. **Declaração** - Isto não é um manifesto. São Paulo: n-1 edições, 2014.

NÓS QUE AQUI ESTAMOS POR VÓS ESPERAMOS. Pesquisa, roteiro, edição, produção e direção Marcelo Masagão. The MacArthur Foundation, Brasil, 1999. Vídeo. Disponível em: <<http://bit.ly/2M00qlU>>. Acesso em: 10 jan. 2018.

OSORIO, L. C. **Como trabalhar com sistemas humanos**: grupos, casais e famílias, empresas. Porto Alegre: Artmed, 2013.

PASSOS, E. **Os dispositivos clínico-políticos e as redes no contemporâneo**. Entre Linhas do Conselho Regional de Psicologia CRP-07, Porto Alegre, 2000, p. 8-9.

PELBART, P. P. Elementos para uma cartografia da grupalidade. In: SAADI, F.; Garcia, S. (Org.). **Próximo ato**: questões da teatralidade contemporânea. São Paulo: Itaú Cultural, 2008, p. 33-42. Disponível em: <<http://bit.ly/2Op6beQ>>. Acesso em: 6 jan. 2018.

PERUZZO, C. M. K. Movimentos sociais, redes virtuais e mídia alternativa no junho em que “o gigante acordou”(?). **Revista Matrizes**, São Paulo, Ano 7, nº 2, jul./dez. São Paulo, 2013. p. 73-93.

PICHON-RIVIÈRE, H. **O processo grupal**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

PRECIADO, Beatriz. **Testo Yonqui**. Madrid: Espasa, 2008.

ROSARIO, A; SAMPAIO, L.; PORTUGAL, M. A. L. Tempo de prevenção: Oficinas sobre HIV e sexualidade. In: **III Seminário Nacional de Educação, Diversidade Sexual e Direitos Humanos** (Anais eletrônicos). Vitória, 2014.

RODRIGUES, E. S. P.; MARIGO, A. C.; GIROTTO, V. C. **Práticas pedagógicas dialógicas**: aposta na melhoria da qualidade do ensino e da aprendizagem. Campinas, 2012.

SARAMAGO, José. **Ensaio sobre a cegueira**. São Paulo: Cia. das Letras, 2015. Disponível em: <<http://bit.ly/2CKAfR0>>. Acesso em: 20. dez. 2017.

SANTOS, B. de S. **Um discurso sobre as ciências**. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2008. Disponível em: <<http://bit.ly/2wHwg1k>>. Acesso em: 20 nov. 2016.

SILVA, A. V. **A produção de sensibilidades no processo de gestar um corpo dançante na dança do ventre**. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Programa de Pós-Graduação em Psicologia Institucional. Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória, 2017.

SILVA, E. C. da. A relação corpo-mente: a mente como ideia do corpo na Ética de Benedictus de Spinoza. **Revista Conatus**, Filosofia De Spinoza, v. 5, nº 9, julho, 2011, p. 19-24.

SPINOZA, B. **Ética**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

TALLEMBERG, C. Fazendo da clínica uma oficina: modos de experimentação e produção social em saúde mental. **Revista Eletrônica Academus**. Secretaria Municipal de Saúde do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, v. IV, n. 1, jan./mar. 2005, p. 18 -38.

TARDE, G. **As Transformações do Direito (Estudo Sociológico)**. Tradução: Maristella Bleggi Tomasini. Versão para eBook: Supervirtual. 2002. Disponível em:<<http://bit.ly/2OgAsfO>>. Acesso em: 10 out. 2017.

TELLES, S. Refletindo sobre grupos e massas. **Jornal do Instituto de Psicanálise**, São Paulo, SBP, v. 48, nº.88 jan/dez., 2015.

TIBURI, Márcia. Marcia Tiburi. Indústria cultural da antipolítica - o caráter manipulador. **Revista Cult**. Disponível em: <<http://bit.ly/2wMf3Ve>>. Acesso em: 20 dez. 2017.

TOURINHO, E. Z. Individualismo, behaviorismo e história. **Temas psicol.**, Ribeirão Preto, SBP, v.1, n.2, agosto, 1993.

VIEIRA, E.; VOLQUIND, L. **Oficinas de ensino: O quê? Por quê? Como?** 4ª. ed. Porto Alegre: Edipucrs, 2002.

VOLNOVICHJ e HUGUET, C.R. (org.). **Grupos, Infância e Subjetividade**. Rio de Janeiro: Relume - Durnará, 1995.

ZIMERMAN, D. E.; OSORIO, L. C. **Como Trabalhamos com Grupos**. Porto Alegre: Artes médicas, 1997.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

AIELLO-VAISBERG, T. M. J.; MACHADO, M. C. L. Sofrimento humano e estudo da “eficácia terapêutica” de enquadres clínicos diferenciados. In: AIELLO-VAISBERG, T. M. J.; AMBROSIO, F. F. **Cadernos Ser e Fazer: Apresentação e Materialidade**. Instituto de Psicologia. Universidade de São Paulo, 2003. Disponível em: <<http://bit.ly/2MrVM0q>>. Acesso em: 20 fev. 2018.

AMARAL, J. J. F. Como fazer uma pesquisa bibliográfica. 2007. Disponível em: <<http://bit.ly/2NFFQfr>>. Acesso em: 2 jul. de 2016.

BARROS, R. B. de. Dispositivos em ação: o grupo. **Cadernos de Subjetividade**, Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade do PPG em Psicologia Clínica PUC/SP, São Paulo, número especial, jun. 1996, p. 97-106.

BARROS, M. **Livro sobre nada**. Disponível em: <<http://bit.ly/2p5Dnx1>>. Acesso em: 29 mar. 2017.

BARROS, R. B. de. Dispositivos em ação: o grupo. **Cadernos de Subjetividade**, Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade do PPG em Psicologia Clínica PUC/SP, São Paulo, número especial, jun. 1996, p. 97-106.

BIASI, A. S. **Serviço social, educação popular e relações de gênero**: Um diálogo entre os três saberes na busca da emancipação. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade do Vale do Rio do Sinos, 2007.

BICHARA, T. A. C. (2014) "**Dança para todos**": cartografias de experiências artísticas da oficina de dança e expressão corporal como lugar-ponte. Tese (Doutorado em Psicologia). Instituto de Psicologia. Universidade de São Paulo, 2014.

BLEGER, J. **Temas de Psicologia** - entrevistas e grupos. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

Bock, A. **Psicologias** - uma introdução ao estudo de Psicologia. São Paulo: Editora Saraiva, 2008.

BOTTI, N. C. L. **Oficinas em saúde mental: história e função**. Tese (Doutorado em Enfermagem Psiquiátrica). Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto/USP, 2004.

CUPERTINO, C. M. B.; **Criação e Formação** - fenomenologia de uma oficina. São Paulo: Arte e Ciência, 2001.

DELEUZE, Gilles. A literatura e a vida. In: **Crítica e clínica**. São Paulo: ed. 34, 2004, p. 11-16.

FAVRE, R. Viver, Pensar e Trabalhar o Corpo como um Processo de Existencialização Continuada. **Revista Reichiana do Instituto Sedes Sapientiae**, v. 12, n. 13, p. 75-84, 2004.

FOUCAULT, M. Estratégia, Poder e Saber. In: **Ditos e escritos**. Vol. IV. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FUKUMITSU, K. O.; CAVALCANTE, F.; BORGES, M. O cuidado na saúde e na doença: uma perspectiva gestáltica. **Estud. pesquis. psicol.** Rio de Janeiro, v.9 n.1, abr. 2009, p. 172-182. Disponível em: <<http://bit.ly/2MuG6tg>>. Acesso em: 16 fev. 2017.

JOB, N.; CHAITIN, V. M. F. G. **Uma clínica do Clinamen**. Disponível em: <<http://bit.ly/2OdODIY>>. Acesso em: 7 mar. 2017.

JORDÃO, M. P. Oficinas em aconselhamento: um processo em andamento. p. 331-334. In: Morato, H. T. P.; **Aconselhamento psicológico centrado na pessoa**. Novos desafios. São Paulo: Casa do psicólogo, 1999.

KUSTER, P. S. ; LOUZADA, A. P. F. A politicidade no fazer pesquisa: sobre as maneiras de pesquisar e escrever. **Revista do NUFEN**, v. 8, 2016, p. 163-177.

PAVIANI, N. M. S.; FONTANA, N. M.; Oficinas pedagógicas: relato de uma experiência. **Conjectura**, Caxias do Sul, v. 14, n. 2, maio/ago. 2009, p. 77-88. Disponível em: <http://bit.ly/2OiaYyW>. Acesso em: 6 jul. 2016.

TAFNER, A. M. da. **Oficina expressiva de desenho e pintura com crianças e adolescentes abrigados e seu cuidador**. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em: <<http://bit.ly/2Qtp2qB>>. Acesso em: 8 jul 2016.

VEYNE, P. **Como se escreve a história; Foucault revoluciona a história**. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1992. p. 237-284.